Nº21 | Ano 2018 | 1,50€

afid
fundação afid diferença

www.fund-afid.org.pt

Dif erença

"Tenho em mim todos os sonhos do mundo"



Álvaro de Campos (Heterónimo de Fernando Pessoa)

Produção do Atelier de Cerâmica do Centro de Atividades Ocupacionais (CAO) da Fundação AFID Diferença

afid green

Somos uma empresa de inserção sem fins lucrativos, que promove a empregabilidade de pessoas com deficiência e/ou incapacidade, prestando serviços com e para a comunidade na área da jardinagem e espaços verdes.

CRIAÇÃO E MANUTENÇÃO DE ESPAÇOS VERDES!

Seja diferente e adote o Verde!



Tel. 214 724 040
www.afidgreen.pt



EDITORIAL

DOMINGOS ROSA
Presidente do Conselho de Administração da Fundação AFID Diferença

Caros amigos e leitores, volvido que é um ano do desaparecimento da Dr.ª. Maria Lutegarda, Assessora da Administração, Diretora da Ação Social da Fundação AFID Diferença e Diretora da Associação Nacional de Famílias para a Integração da Pessoas Deficiente (AFID), o clima institucional e organizacional da nossa Fundação não abanou nem se alterou, antes reforçámos a nossa intervenção de qualidade na área social.

As saudades são imensas, a falta da sua orientação técnica e de gestão é evidente, mas o seu espírito e a sua filosofia de atuação permanecem, constituindo um tributo ao seu legado.

Na AFID, não existe metodologia de intervenção, sistema organizativo ou abordagem técnica implementada, que não tenha sido inspirada pela Dr.ª. Maria Lutegarda.

Por estas razões, a Fundação AFID Diferença continuou, em 2017, a granjear reconhecimento técnico pelo trabalho que tem vindo a desenvolver, fazendo jus às sementes lançadas na Instituição por esta grande mulher, mãe, avó e profissional.

A maioria das grandes conquistas conseguidas pela Instituição foram alicerçadas numa excelente equipa técnica, secundadas na sua inspiração e nos seus princípios.

Refiro-me à construção e ao lançamento do Guia de Recursos para a Deficiência do Concelho da Amadora, realizado no âmbito da Rede Social, proposto e idealizado pela Dra. Maria Lutegarda e desenvolvido pela edilidade.

Refiro o grande prémio BPI Capacitar, que vencemos com o projeto UAF – Unidade de Apoio à Família –, onde, na reunião final, teve um papel ativo e fundamental para a sua aprovação.

Refiro o facto de termos sido uma das instituições beneficiárias do Projeto de Financiamento e Apoio para o Combate à Exclusão Social (FACES), promovido pela Fundação Montepio, com o projeto da AFID Green – Construção e manutenção de espaços verdes –, uma aposta ganha no âmbito da empregabilidade de Pessoas com Deficiência.

Refiro o prémio BPI Senior, que vencemos com o projeto UNE - Unidade de Neuroestimulação - em demências a desenvolver no nosso equipamento social AFID Geração, por ser hoje uma realidade que tem de ter respostas concretas, um tema de grande preocupação da Dr.ª. Maria Lutegarda.

Refiro a obtenção do Selo de Excelência no Voluntariado, em que fomos a primeira Instituição do País a consegui-lo, reconhecendo um dos setores de grande empenhamento da Dr.ª Maria Lutegarda.

Refiro a obtenção do Selo da Diversidade, em que fomos a primeira Instituição do 3.º setor do País a consegui-lo, reconhecendo uma das práticas fundamentais da nossa Instituição, muito bem consolidada pela Dr.ª. Maria Lutegarda, hoje uma realidade em todas as áreas de intervenção da nossa casa.

Refiro em todas as áreas o nosso empenhamento no projeto Impacto Social, apoiado pela Fundação Montepio, pela Cooperativa António Sérgio para a Economia Social (CASES) e pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, que era motivo de grande atenção da Dr.ª. Maria Lutegarda e em que ficámos em 1.º lugar, entre 42 Instituições que concorreram à 1.ª fase, tendo sido uma das dez finalistas da 2.ª fase do programa.

Tal como já descrevi no editorial da revista anterior, é fácil elencar o trabalho que a Dr.ª. Maria Lutegarda desenvolveu em todas as Instituições por onde passou, em especial na AFID, mas hoje reconheço que a sua inspiração e postura se mantêm no nosso dia-a-dia.

É minha convicção que, apoiados numa equipa técnica de excelência, continuaremos a seguir a sua memória em prol de uma AFID, à sua semelhança, sabedoria e grandeza.



"A AFID É UMA ORGANIZAÇÃO ESPECIAL, PORQUE SE REINVENTA CONTINUAMENTE"

Foi com muito prazer e sentido de responsabilidade que acedi ao convite para escrever a nota de abertura da edição n.º 21 revista Diferença. Faço-o como parceira e como admiradora desta organização especial que tem dado tanto à comunidade onde se insere e à sociedade portuguesa.

É uma organização especial, porque se reinventa continuamente, porque nunca diz que não a um desafio e enfrenta cada adversidade como um objetivo e cada obstáculo como uma espora para o desenvolvimento.

Percursora no domínio da formação, da Qualidade, da avaliação de impacto, na comunicação, em todos os projetos em que se envolve deixa um vestígio de otimismo, de excelência e de vontade de vencer.

Entre as suas paredes respira-se uma paz inquieta, própria das organizações maduras, que atingiram uma fase de consolidação mas que não querem deixar de surpreender e de inovar.

A Fundação AFID Diferença sabe estabelecer laços, tecer redes com outras entidades similares e não tem receio de criar pontes com o setor privado e com as entidades públicas.

Sabe o significado da palavra colaboração, sem protagonismos bacocos, sem temer o outro, mas antes, sabendo valorizar e rentabilizar as trocas de experiências.

Para a Fundação Montepio, as relações estabelecidas em várias dimensões, das quais destacamos o programa de Financiamento e Apoio para o Combate à Exclusão Social (FACES), a certificação da Qualidade, desenvolvida também em parceria com a Associação Portuguesa para a Qualidade (APQ), o projeto do Comunicatorium, a recente aliança no contexto do CRIDEM e o lançamento dos prémios que homenageiam a grande figura da Dr.ª Lutegarda, têm sido particularmente gratificantes.

Instituições como a Fundação AFID fazem-nos acreditar que a economia social está pujante e é capaz de ultrapassar qualquer conjuntura adversa.

Por isso, o seu nome é tão feliz, porque faz a diferença e, como dizia Nelson Mandela, "diferença é aquilo que fazemos do que temos, e não o que nos foi dado".



Paula Guimarães
Diretora da Fundação Montepio

ÍNDICE

BREVES

05. Caminhar pela Diferença
Cinco Lágrimas por Alepo
06. Obrigado, Fundação Montepio!
Jogos sem Fronteiras
Conferência Anual EPR
07. Juntos no Projeto DESIGN
Laços com Macau
08. Mini New Co
Concurso Arte e Criatividade

09. REABILITAÇÃO

09. Projeto UNE
10. A importância da Saúde Mental

10. INCLUSÃO

12. A Autodeterminação e a Autorepresentação
13. Promoção da Vida Autónoma e Independente
17. Igualdade

18. DESPORTO

18. Ricardo Galante - Testemunho
19. Práticas de Inclusão
20. Bem-Estar Físico
23. Assim se vê o SLB

24. SENIOR

24. Consolidar e Capacitar a comunidade na Vida dos Idosos
26. Qualidade de Vidas das Pessoas Idosas

28. CRIANÇAS

28. As crianças não trazem livro de Instruções!
30. Confia em mim!
32. Explicas-me...
34. Intelegência Emocional na Infância

35. EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO

35. Seminário Educação
36. Projeto Indiverso

37. HOMENAGEM

37. Maria Lutegarda

39. ARTE

39. Exposição Vislumbre Deslumbre
41. A Arte Salva. A Arte Cura
42. A Transformação do Papel
44. A loucura no improviso - Arte fora da Caixa
45. A Inclusão pela Arte

47. QUALIDADE

39. Os Serviços e a Gestão da Qualidade da AFID
48. Selo da Diversidade
49. Avaliação de Impacto Social

50. EVENTOS

FICHA TÉCNICA

15ª SÉRIE – Nº 21 – 2018

Propriedade, Edição e Sede de Redação:
Fundação AFID Diferença
NIPC: 507367111
Rua Quinta do Paraíso – Alto Moinho
2610-316 Amadora – Portugal
Tel.: (+351) 214 724 040
Fax.: (+351) 214 724 041
E-mail: fundacao@fund-afid.org.pt

Diretor: Domingos Rosa

Diretor Adjunto: Juvenal Baltazar

Edição / Redação: Departamento de Marketing e Comunicação

Design e Produção:
A Cor Laranja - Projetos Gráficos
Rua Professor Francisco Gentil, 3A
2675-357 Odivelas

Revisão: Direção da Publicação e Departamento de Marketing e Comunicação

Fotografia: Arquivo fotográfico da Fundação AFID Diferença

Tiragem: 4.000 Exemplares

Distribuição: Fundação AFID Diferença

Reg. INPI: 387527

Reg. ICS: 124671

Depósito legal: 234089/05

Estatuto Editorial disponível em www.fund-afid.org.pt

Nota: Esta publicação encontra-se escrita ao abrigo do novo acordo ortográfico.

Siga-nos no **Facebook**!
/fundacaoafid

Siga-nos no **Twitter**
/fundacaoafid

Subscreva-nos no **YouTube**
/Fundação AFID Diferença

Siga-nos no **Instagram**
/fundacao_afid_diferenca

Siga-nos no **Linkedin**
/Fundação AFID Diferença

BREVES

MAIS DE 500 PESSOAS CAMINHARAM PELA DIFERENÇA

Mais de 500 pessoas acederam ao repto lançado e caminharam pela Diferença no dia 2 de abril de 2017. A primeira edição da "Caminhar pela Diferença" foi um sucesso, juntou pais e filhos, avós, netos e amigos, numa manhã de partilha e união que decorreu no Dia Mundial do Autismo, instituído pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Ao longo de 5,25 quilómetros, a multidão percorreu alguns dos locais mais importantes da história da Fundação AFID Diferença e aproveitou a ocasião para sensibilizar a população para a temática da deficiência.

"Foi uma manhã agradável e um dia esplêndido. Iremos manter esta prática", assegurou o presidente da Fundação AFID Diferença, Domingos Rosa.



"Foi a primeira de muitas caminhadas", frisou, por sua vez, a presidente da Câmara Municipal da Amadora, Carla Tavares, que também participou no evento.

A 1.ª edição do "Caminhar pela Diferença" contou com a preciosa colaboração do grupo Auchan-Jumbo de Alfragide. Obrigado a todos aqueles que participaram e caminharam em prol desta causa.



AUDITÓRIO DRª. MARIA LUTEGARDA RECEBEU APRESENTAÇÃO DO LIVRO CINCO LÁGRIMAS POR ALEPO

O Auditório Dr.ª. Maria Lutegarda recebeu, com toda a pompa e circunstância no dia 1 de abril de 2017, a apresentação do livro de poesia "Cinco Lágrimas por Alepo".

No espaço da nossa Fundação estiverem cerca de 50 pessoas, numa cerimónia singela que contou com as intervenções da Directora-Executiva da UNICEF-Portugal, Madalena Marçal Grilo, do presidente da Fundação AFID Diferença, Domingos Rosa, dos dois promotores do livro, Conceição Lima e António Gaspar Cunha, e ainda do escritor e poeta, João Morgado.

Os momentos musicais estiveram a cargo de Fernando Guiomar e o dizedor José Proença Carvalho leu alguns poemas.

Um agradecimento especial à página "Quem lê Sophia de Mello Breyner Andresen" e um bem-haja a todos os que estiveram connosco. Até breve e boas leituras.

OBRIGADO, FUNDAÇÃO MONTEPIO!

A Fundação AFID congratula-se por ter sido uma das Instituições apoiadas pelo programa Financiamento e Apoio para o Combate à Exclusão Social (FACES) da Fundação Montepio. Candidataram-se 215 projetos, tendo sido selecionados na fase final apenas 19, entre os quais o nosso. Com este apoio, iremos aumentar os equipamentos técnicos que são utilizados pelos funcionários da AFID Green, a nossa empresa de inserção na área da jardinagem, assegurando, ao mesmo tempo, a manutenção de nove postos de trabalho para pessoas com deficiência.

Deixamos uma palavra de agradecimento pelo reconhecimento ao trabalho que procuramos desenvolver e que este financiamento vem reforçar.

Muito obrigado, Fundação Montepio.



JOGOS SEM FRONTEIRAS - PORTUGAL, COSTUMES E TRADIÇÕES

A sede da Fundação AFID Diferença voltou a receber a 17.ª edição dos Jogos Sem Fronteiras com o tema Portugal, Costumes e Tradições. Os principais objetivos da iniciativa, que está inserida no calendário do grupo Intercentros, foram a promoção do convívio entre os participantes das diferentes organizações e a dinamização de atividades lúdicas e desportivas ao ar livre. Foi uma jornada repleta de harmonia, interação e de um saudável convívio entre todos os intervenientes.





CONFERÊNCIA ANUAL DA EUROPEAN REHABILITATION PLATFORM (EPR)

A Fundação AFID marcou presença na Conferência Anual da European Platform for Rehabilitation (EPR), subordinada ao tema "Compreendendo o futuro hoje para melhor enfrentar os desafios de amanhã!", que decorreu nos passados dias 8 e 9 de junho de 2017 em Mulhouse, França.

Os participantes foram convidados a explorar e refletir sobre as futuras competências necessárias na área da reabilitação, bem como os desafios e oportunidades que estas geram. A representar a AFID esteve o Presidente do Conselho Executivo, Dr. Domingos Rosa.

AFID E A APROXIMAR JUNTOS NO PROJETO DESIGN

A Fundação AFID Diferença e a Aproximar são os parceiros nacionais no projeto europeu *Disabled Employability Signaling (DESIGN)*, um programa que promove a contratação de pessoas com deficiência.

O DESIGN terá a duração de três anos e tem como fim capacitar serviços de orientação e aconselhamento profissional, ajudando pessoas com deficiência a entrarem no mercado laboral.

Para o presidente do Conselho Executivo da AFID, Domingos Rosa, "é um dos eixos onde a nossa Fundação assenta e é com orgulho que juntamos à nossa experiência vários casos de sucesso de empresas, que contratam pessoas com deficiência. Achamos que esta iniciativa, graças aos parceiros que tem e ao nível de conhecimento que trazem, é um grande passo para todos", afirmou.

Além da AFID e da Aproximar, juntam-se às parcerias da DESIGN, a AFEJI e a Association Nationale des Directeurs et Caders D'ESAT (ANDICAT) de França, a Hand in Hand Foundation da Hungria, a Asociatia Profesionala Neguvernamentala de Asistenta Sociala (ASSOC) e a European Association for Social Innovation (EaSI) da Roménia, que trazem ao projeto experiência em trabalho social, formação, aconselhamento e recrutamento. A Associação Educar, Reabilitar e Incluir Diferenças (AERID) e a EDP são os parceiros associados.



AFID ESTREITA LAÇOS COM MACAU

A Fundação AFID Diferença recebeu, no passado dia 6 de junho de 2017, uma Comitiva da Associação dos Familiares Encarregados dos Deficientes Mentais de Macau, que intervém na área da deficiência intelectual.

Numa manhã bem passada foi realizada uma visita a algumas das salas da nossa Fundação e partilhámos o trabalho que fazemos diariamente com paixão, afinco e responsabilidade.

Esta visita contemplou, ainda, outros momentos: a apresentação formal da AFID, que decorreu no auditório Dr.ª. Maria Lutegarda, a oferta de algumas lembranças que os nossos amigos macaenses trouxeram, um almoço conjunto no nosso refeitório e uma visita à Estrutura Residencial para Pessoas Idosas (ERPI) do Edifício Geração.

A terminar, ficou a promessa de dar continuidade a alguns trabalhos de parceria que possam ser desenvolvidos com vista a reforçar os laços entre estes dois países e estas duas organizações.

MINI NEW CO COM PARAGEM NA AFID

A Fundação AFID Diferença foi uma das entidades parceiras da 2.ª edição da Mini New Co, um evento onde os participantes tiveram a oportunidade de conhecerem os bastidores de empresas, startups, fundações, associações e organizações que mais se destacaram nas respetivas áreas. A viagem pelo universo AFID decorreu no passado dia 23 de novembro de 2017.

Durante cerca de 50 minutos, o presidente da nossa Fundação, Domingos Rosa, e alguns técnicos, foram os anfitriões e explicaram aos participantes as práticas de gestão da nossa organização e os desafios que temos de enfrentar diariamente. Foi uma jornada inspiradora e uma oportunidade única de darmos a conhecer o que é feito nesta porta que está sempre aberta à Diferença.



CRIATIVIDADE

CONCURSO ARTE E CRIATIVIDADE: PARABÉNS AOS NOSSOS ARTISTAS!



Algumas das obras da autoria dos nossos jovens do Centro de Atividades Ocupacionais (CAO) foram premiadas na 24.ª edição do concurso Arte e Criatividade, que decorreu em outubro de 2017 na Oficina da Cultura em Almada.

As peças em questão foram:

- A pintura "Dinossauro Aquático" de Nuno Geada, com uma menção honrosa;
- O trabalho coletivo de Tecelagem "Montanha Mágica", com o segundo prémio da sua categoria;
- O trabalho coletivo de Pintura "O Espanto de Ver", álbum de fotografias de pinhole, que resultou da residência artística das artistas Marta Silva e Anabela Mota, com o segundo prémio da sua categoria.

É mais uma confirmação do talento dos nossos artistas e um reconhecimento do esforço de todos os que fazem parte do dia-a-dia das nossas oficinas e da Instituição. Sem a ajuda, e colaboração, de todos nada disto seria possível.

Nesta edição participámos com mais de 60 trabalhos individuais e coletivos que estiveram em exposição, de 26 de outubro a 5 de novembro, na Oficina da Cultura, juntamente com trabalhos de outras Instituições de todo o País que também participaram no concurso.



PROJETO UNE

UNIDADE DE NEUROESTIMULAÇÃO

A Fundação AFID Diferença apresentou um projeto ao prémio BPI Senior para a criação de uma unidade de neuroestimulação destinada a apoiar as pessoas com demência e as suas famílias. O projeto obteve uma menção honrosa e será implementado na Estrutura Residencial para Pessoas Idosas (ERPI) AFID Geração situada em Alfragide, Amadora.

Em Portugal, estima-se que existam cerca de 153.000 pessoas com demência, dos quais 90.000 com Doença de Alzheimer. Todos os anos 1,4 milhões de cidadãos europeus desenvolvem demência. O aumento destes números começa a provocar fortes constrangimentos às estruturas residenciais para pessoas idosas. Na nossa ERPI AFID Geração, 29 em 63 idosos têm demência já medicamente diagnosticada, sendo esta hoje a situação habitual na maioria dos lares de idosos no nosso País. Das 135 pessoas que atendemos em Serviço de Apoio Domiciliário (SAD), a percentagem de casos com demência está quase em 30%.

O projeto que agora desenvolvemos tem um triplo enfoque: promover um melhor acompanhamento da população que atendemos na ERPI e no SAD; aumentar a resposta ao nível de apoios das pessoas com demência e suas famílias pela criação de uma unidade de neuroestimulação aberta ao exterior e promover respostas integradas de intervenção assentes em métodos intensivos de estimulação cognitiva.

A Unidade de Neuroestimulação dará resposta às dificuldades que os familiares de pessoas com demência sentem no acesso a serviços de apoio e suporte. Esta situação é percetível, diariamente, nos atendimentos sociais que os técnicos da Fundação fazem e nos testemunhos dos clientes que acompanhamos no âmbito do SAD, cuja resposta apenas consegue dar um apoio parcial, complementar da família, não compatível com situações de necessidade de acompanhamento permanente.

Em Portugal, estima-se que existam cerca de 153.000 pessoas com demência, dos quais 90.000 com Doença de Alzheimer. A AFID pelo compromisso que tem em termos de qualidade, vai continuar a abraçar projetos que representem soluções eficazes na promoção da qualidade e dignidade de vida das pessoas.

As dificuldades sentidas pelos familiares, que, em simultâneo, conjugam as funções de cuidadores, profissionais e familiares, reforçam a necessidade de apoio especializado e personalizado.

A Unidade de Neuroestimulação estará aberta das 7h00 às 22h00, de acordo com as necessidades e disponibilidade de cada um dos familiares/cuidadores. Tem uma perspetiva de intervenção focalizada e centrada em cada um dos clientes através de plano individualizado e multidisciplinar.

Acreditamos neste projeto e na sua mais-valia, estando convictos de que se irá tratar de um modelo inovador e diferenciador na área das pessoas com demência. Os tratamentos farmacológicos têm eficácia comprovada, porém, nem sempre são suficientes para cobrir todos os problemas inerentes à progressão da doença. A AFID pelo compromisso que tem em termos de qualidade, vai continuar a abraçar projetos que representem soluções eficazes na promoção da qualidade e dignidade de vida das pessoas.



Juvenal Baltazar
Diretor da Ação Social
da Fundação AFID Diferença

Leia o artigo na íntegra em

A IMPORTÂNCIA DA SAÚDE MENTAL

Estratégia de uma organização para prevenção em técnicos de reabilitação

O trabalho em reabilitação com pessoas com doença mental, deficiência intelectual ou multideficiência é particularmente exigente para os técnicos, sobretudo a nível psicológico. O confronto com as incapacidades do outro, as limitações do processo reabilitativo, as resistências e as desistências que muitas vezes os próprios oferecem ao projeto e às ações necessárias à recuperação, o tempo muitas vezes prolongado destes processos, os ganhos por vezes pouco valorizados, a relação muitas vezes difícil com as famílias, impõem uma sobrecarga aos técnicos que à medida que o tempo for decorrendo se pode tornar insuportável.

Esta situação poderá dar origem a Síndrome de Burnout, estados de ansiedade e/ou depressão e períodos mais ou menos prolongados de alterações emocionais, traduzidos por irritabilidade, comportamentos de conflitualidade e, no limite, aumento do absentismo.

Paralelamente, o próprio ambiente de trabalho e as suas dinâmicas relacionais podem determinar perda ou rutura da coesão das equipas técnicas, com evidente deterioração do desempenho e sofrimento individual dos técnicos.

Desse modo, é essencial que cada organização na área da reabilitação tenha como uma das suas prioridades a promoção e preservação da saúde mental dos seus técnicos.

Assumindo esta prioridade as organizações devem considerar um plano de ação que contemple:

1. Escuta ativa por uma entidade externa capaz de descodificar, dar significado, sentido e orientação às vivências psicológicas dos colaboradores e equipas técnicas;
2. Cultura de boas práticas com valorização e reforço de cada equipa técnica e colaborador individual nessas mesmas práticas;
3. Criação de dinâmicas nas equipas técnicas, e na organização em geral, que reforcem o sentimento de pertença e valorizem o trabalho efetuado;
4. Política de Recursos Humanos consubstanciada numa remuneração justa, carreiras e desenvolvimento pessoal transparentes com premiação do mérito;
5. Atenção personalizada a cada colaborador para que este sinta que a organização está com ele e com ele se preocupa.



Leia o artigo na íntegra em

ATELIER DE TECELAGEM
» Na Sede da Fundação AFID Diferença

Para que a tarefa de promoção e prevenção de saúde mental dos colaboradores se concretize no dia-a-dia da organização, esta deve integrar este conjunto de ações nos propósitos da sua missão, visão e valores capacitando a liderança superior e lideranças de nível intermédio do sentido estratégico e prioritário das mesmas.
Liderança, estratégia e colaboradores empenhados são a chave do sucesso de uma organização humana com estas características. O sucesso da organização reverterá, por seu lado, em mais empenho e compromisso de todos. Se assim for, é garantido que se promove e previne a saúde mental da organização e de cada membro.

BIBLIOGRAFIA

Canavarro, M. C. (2010). Qualidade de Vida: Significados e Níveis de Análise. In M. C. Canavarro & A. Vaz Serra (Coords.) Qualidade de vida e saúde: Uma abordagem na perspectiva da Organização Mundial de Saúde (pp.3-21). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Hortelão, A. P. S. (2003). Envelhecimento e qualidade de vida – estudo comparativo de idosos residentes na comunidade e idosos institucionalizados na região de Lisboa. Dissertação de Mestrado em Comunicação da Saúde. Lisboa: Universidade Aberta.

Organização Mundial de Saúde (2002). Active Ageing: A Policy Framework. Disponível em: http://whqlibdoc.who.int/hq/2002/WHO_NMH_NPH_02.8.pdf

Paúl, C., Fonseca, A., Martín, I., & Amado, J. (2005). Satisfação e Qualidade de Vida em Idosos Portugueses. In C. Paúl & A. Fonseca (Coords.) Envelhecer em Portugal. Psicologia, Saúde e Prestação de Cuidados (pp.77-96). Lisboa: Climepsi.

WHOQOL Group (1994). Development of the WHOQOL: Rationale and current status. International Journal of Mental Health, 23(3), 24-56.



Dr. Pedro Varandas
Psiquiatra e Diretor do Centro Irmãs Hospitaleiras de Lisboa

A AUTODETERMINAÇÃO E A AUTOREPRESENTAÇÃO



Como estratégia determinante nos processos de Autonomia e Vida Independente das Pessoas com Deficiência







Qualquer indivíduo ao longo do seu processo de crescimento vai desenvolvendo capacidades cognitivas que lhe permitem decidir, escolher e tomar decisões sobre a sua própria vida. Quando falamos de pessoas com deficiência intelectual esta autorepresentação e autodeterminação, na maioria das pessoas, não surge de forma natural e coerente. Mas, com isso não quer dizer que em algumas situações não se possa adquirir ao longo da sua vida.

É necessário, desde tenra idade, trabalhar o seu autoconhecimento, a gestão emocional, as questões dos limites das regras sociais, dos direitos e dos deveres das pessoas de modo a inclui-los, naturalmente e gradualmente, em sociedade. A questão é que esse trabalho deverá ser feito desde a infância e não apenas quando a pessoa já é adulta!

Na intervenção com a pessoa com deficiência, não descuramos nenhuma das partes importantes na construção do caminho para a inclusão, o cliente, a família, a AFID e os parceiros porque potenciam, não só a autorrepresentação da pessoa, como a projetam para a possibilidade da sua autodeterminação.

A pessoa com deficiência deverá estar e ser sempre a centralidade de qualquer decisão da sua vida, ou seja, a pessoa tem de ser, efetivamente, a primeira e a mais envolvida nas decisões sobre a sua própria vida.

Acredito que é permitindo, e respeitando a autorepresentação da pessoa, que vamos construindo uma verdadeira inclusão. É fulcral que a pessoa se sinta confiante para determinar o que é para si Qualidade de Vida e, sobretudo, felicidade.



Sofia Pinto
Técnica Superior de Animação Sociocultural e responsável pelo Grupo de Inclusão do Centro de Atividades Ocupacionais (CAO)

Leia o artigo na íntegra em

PROMOÇÃO DA VIDA AUTÓNOMA E INDEPENDENTE

de Pessoas com Deficiência

Em Portugal, falar sobre práticas de capacitação e promoção da vida autónoma e independente das Pessoas com Deficiência, associado ao Paradigma Social, constitui não só um desafio à sua implementação, como uma frágil prioridade estratégica das organizações e demais agentes que intervêm na área da reabilitação. Historicamente, esta é uma temática cuja importância remonta à década de 1960/70, altura em que surgiu o movimento de vida independente das pessoas com deficiência que reclamaram o direito à igualdade de oportunidades tendo conquistado, em simultâneo, espaço de agenda política que nos impele hoje, a equacionar um possível conjunto de medidas fundamentais, para garantir que direitos básicos se consubstanciem em medidas efetivas capazes de promover a melhoria da qualidade de vida das pessoas com deficiência na Europa, e mais recentemente, em Portugal.

Importa, contudo, contextualizar esta mudança explicando que esta só foi possível, por via do envolvimento das próprias pessoas com deficiência, que de viva voz, reclamaram direitos que até então, lhes eram vedados e, por via da obrigatória mudança de paradigma, que obrigou à substituição das abordagens médicas e assistencialistas pelo modelo social da deficiência, centrado na implementação de abordagens compreensivas que colocam a deficiência não como um problema individual, mas como uma questão da vida em sociedade, transferindo a responsabilidade pelas desvantagens das limitações corporais do indivíduo para a incapacidade da sociedade em prever e se ajustar à diversidade da condição humana. Afinal, o que entendemos por "modelo social"?

A EMERGÊNCIA DO PARADIGMA SOCIAL NAS ESTRATÉGIAS DE CAPACITAÇÃO E PROMOÇÃO DA VIDA AUTÓNOMA E INDEPENDENTE DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

O modelo social é uma abordagem que surgiu nos finais dos anos 60 no Reino Unido, por iniciativa de pessoas com deficiência reunidas no designado "Social Disability Movement", tendo provocado uma mudança nos modelos tradicionais de compreensão da deficiência ao retirar do indivíduo a origem da desigualdade, experimentada pelas pessoas com deficiência, devolvendo-a à sociedade. Este modelo, que assume um papel preponderante nos anos 80, conferiu um novo sentido à deficiência, na responsabilização da sociedade em geral e dos seus diversos agentes, na consagração de situações incapacitantes. Nos fundamentos deste modelo, coube à sociedade o dever de sofrer alterações, através da eliminação das barreiras arquitetónicas, comunicacionais e atitudinais, na aceção de que são estas que previnem a participação igualitária na vida em comunidade e não propriamente as caraterísticas biológicas e as funções do corpo de cada indivíduo com deficiência.

O envolvimento social deve ser uma responsabilidade partilhada.

Contudo, se pensarmos que passaram quase 60 anos desde que este movimento teve o seu início, constatamos que muitas das questões, que abrem o debate sobre a autonomia e vida independente de pessoas com deficiência em Portugal se encontram longe de estar estabilizadas, integrando apenas modelos conceptuais pouco conhecidos, valorizados e implementados. Debrucemo-nos, então, para melhor compreendermos a natureza deste pequeno texto, sobre o conceito de autonomia e vida independente das pessoas com deficiência.

A Autonomia e Vida Independente das Pessoas com Deficiência, incluindo a Intelectual, implica acabar com um sem número de restrições impostas por condicionalismos de ordem social e ambiental. Citando Martinez (2003), a filosofia da Vida Independente determina que cada pessoa tem o direito à independência, até ao máximo daquilo que são as suas capacidades, devendo ter o máximo controlo sobre a sua vida por via da tomada de decisões relativas às atividades da sua vida diária. Estas atividades podem incluir fazer a gestão da sua própria vida, participar na vida da comunidade, desempenhar variados papéis sociais, desenvolvendo a autodeterminação e minimizando assim, a dependência física e psicológica exigindo simultaneamente, o envolvimento social e comunitário, por via do que deve ser uma responsabilidade partilhada.

O conceito de independência assenta, conforme já referimos, no desejo de cada um em assumir responsabilidades e controlo da própria vida, determinando, assim, o tipo de participação econó¬mica, política, social e comunitária que se quer e pode ter. Ao mesmo tempo, determina o compromisso de respeitar os demais no que reporta a todas estas dimensões. É este conceito que permite que consigamos alcançar os objetivos universais de igualdade de opor¬tunidades, liberdade individual e plena participação na sociedade e que se constituem, também, como principais indicadores do de¬senvolvimento pessoal e da qualidade de vida das pessoas com deficiência.

Sabemos que estamos longe de ter alcançado um esta¬do que nos permita afirmar que a independência seja algo a que todos tenham acesso. Na prática, sabemos que existem muitas restrições à interação no que se refere às pessoas com deficiência e, por isso, muitas pessoas se vêm impedidas de exercer a sua autonomia e por conseguinte, de ter uma vida independente por via da sua condição. Esta minimização das capacidades que as pessoas com deficiência podem ter, significa ainda, para muitas pessoas, um excesso de proteção e o anular completo da sua per¬sonalidade, quando o que se pretende com a implementação/ adoção do modelo de vida independente, é que as pessoas com deficiência passem a poder participar, sempre que possível, nos programas e serviços existentes, obviamente, reconhecendo que possam ter dificuldades em determinadas áreas que as condicionam a tomar decisões. Saliente-se que as necessidades das pessoas com deficiência são exatamente as mesmas que as das restantes pessoas, no entanto, o problema reside nos requisitos especiais que estas pessoas necessitam para poder satisfazer essas necessidades.



ATELIER DE CERÂMICA
» Recuperação do Barro



ATELIER DE CERÂMICA
» Projecto Coletivo

São ainda, muito poucas, as organizações que ajustam as intervenções.

São ainda, muito poucas, as organizações, e por conseguinte, os próprios profissionais, que ajustam as intervenções, reconhecendo a importância dos comportamentos autodeterminados, da autorrepresentação, dos pares de apoio e participação direta desta população nas tomadas de decisão que lhes dizem diretamente respeito. No fundo, e ainda que inadvertidamente, fazemos muitas vezes com as pessoas com deficiência, o que não nos passa pela cabeça fazer com as pessoas ditas "normais", ou seja, a estas últimas somos obrigados a reconhecer-lhes capacidade de argumentar e refutar, às primeiras teimamos em achar que sabemos o que é melhor para elas, obrigando-as a viver uma realidade que é a nossa! Como se a sua condição reflita um determinismo causal que as priva de aceder a coisas tão simples como o que querem comer, vestir, o penteado que querem usar, as atividades em que querem participar, com quem querem namorar, etc. Dirão, alguns, que é um processo longo de mudança de comportamentos, atitudes e valores – "a sociedade portuguesa tem de olhar para este problema de uma outra forma". Mas até lá, o que fazemos?

"É fácil fechar uma gaiola. O pássaro, além de pássaro é um objeto de contemplação". Abertas as portas, a grandeza reside na capacidade de deixar que seja este a decidir se quer voar, ou deixar-se ficar. "

Em resumo, se é verdade que já se fala num modelo de vida independente para as pessoas com deficiência, em concreto para Portugal, também é verdade que se devem elevar, por via do conhecimento e da sensibilização de todos quantos trabalham com pessoas com deficiência, as suas respetivas competências como forma de melhorar a qualidade dos serviços e das intervenções, tendo por referência o modelo social que determina uma mudança radical prevendo que os profissionais e famílias ao invés de controlarem as decisões das pessoas, promovam a sua capacitação e lhes dêem poder de decisão. Sim, os problemas também residem nas competências requeridas para a implementação do modelo social: relação técnica com as pessoas e respetivas famílias, modelos de gestão e organização do trabalho nas organizações, qualidade do trabalho em rede.

É impossível garantir a sustentabilidade, a qualidade das respostas e das intervenções se não forem equacionados e viabilizados novos métodos de organização do trabalho e de prestação de cuidados que sejam totalmente centrados na pessoa com deficiência, onde a capacitação, a autorrepresentação e autodeterminação das mesmas, constituem um imperativo moral, determinado pelo conjunto dos Direitos que estão consagrados no âmbito da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e que devem ser alvo de discussão, participação e implementação ao nível das diferentes dimensões da vida destas pessoas.

Se assim não for, continuará o modelo assistencialista/médico a imperar (teimosamente) em Portugal?

i. European Network on Independent Living, Centre for Independent Living – Sofi a, RUSIHAK, December 2015

ii. Oliver, Michael (1996) "The Social Model in Context," em "Understanding Disability: From Theory to Practice", Nova Iorque, St. Martin's Press, pp. 30-42.

iii. Cit. Peralta, Ana Rita (2017)

iv. Comité das Nações Unidas (2006) "Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência"



Ana Rita Peralta
Socióloga e responsável pela Área da Autonomia e Vida Independente das Pessoas Com Deficiência Intelectual (PCDI)
FENACERCI- Federação Nacional de Cooperativas de Solidariedade Social







UNISELF, SA

Somos um parceiro com grande sentido de Responsabilidade Social nas IPSS's.

A UNISELF atualmente efetua parceria com mais de 100 IPSS.

Efetuamos a Gestão e Organização de Serviços de Alimentação.

Adaptamos a Gestão às necessidades de cada tipo de Valências.

Colocamos ao vosso dispor uma vesta equipa de profissionais aptos a avaliar as vossas necessidades.

Apresentamos propostas para Gestão dos serviços de Alimentação, otimização de custos e recursos.

A nossa missão é a Responsabilidade Social

SEDE
Rua Cidade de Lisboa, 8 - Edifício Uniself
Parque Industrial do Arneiro
2660-456 SÃO JULIÃO DO TOJAL
Tel.: 219 739 300 | Fax: 219 739 319
E-mail: geral@uniself.pt

FILIAL NORTE
Rua de S. Gens, nº 3380 - nº 1
4460-409 SENHORA DA HORA
Tel.: 229 577 590 | Fax: 229 577 599
Web: www.uniself.pt

Uniself - Sociedade de Restaurantes Públicos e Privados, SA



#IGUALDADE

Há muito que nasceu. Sim, é uma palavra mas o que a difere de tantas outras é o tamanho, a veracidade e o valor que possui. Quem lhe deu nome e significado sabia que ia marcar a diferença. Ei-la: A Igualdade.

A igualdade não pensa na mesma "ferramenta" para todos. Sendo uma palavra tão justa, é capaz de perceber que existem muitas ferramentas para que cada uma vá ao encontro das necessidades de cada pessoa.

Mas não deixa de ser, infelizmente, uma palavra com duas interpretações. Uns julgam que todos devem ser tratados de igual modo (com respeito), outros julgam que todos devem ser avaliados com as mesmas ferramentas (o que está longe de ser uma perspetiva inteligente. Se as pessoas são diferentes, nunca poderão ser avaliadas da mesma maneira. Será assim, algo tão difícil de se perceber?

A Igualdade passa por dar oportunidades a todos. Sabe de modo consciente que existem "ferramentas" diferentes para que todos consigam, ao seu ritmo atingir os seus objetivos. E isso não é facilitar e sim, respeitar e perceber a individualidade.

Se não existisse a "igualdade", tendo em contra as características de cada um, a vida passaria por caminhos tão cinzentos. Era como teimar que um peixe teria de viver fora de água...

Tal como temos que encontrar a chave para cada fechadura, temos de procurar encontrar estratégias de sucesso para cada pessoa ou para nós mesmos.



Ana Couto
Professora de
Educação Especial

RICARDO GALANTE



A inclusão pelo Desporto
Um testemunho na primeira pessoa

"Não há barreiras, não se deixem abater, lutem por fazer mais, por aquilo que querem e nunca desistam. É preciso ter força de vontade, se desistires, morres". As palavras são do Galante. O nosso Ricardo, um dos clientes mais antigos, embaixador da Fundação AFID, um desportista de eleição e uma força da natureza, que prova diariamente que a deficiência só é uma barreira quando nos é imposta.

"Nasci assim, com paralisia cerebral e motora", afirma.

Com uma vida agitada, Ricardo, 44 anos, divide a ocupação na Escola Alto do Moinho, em Alfragide, com os treinos de Boccia, modalidade em que é um dos melhores do País como atleta da Associação Paralisia Cerebral de Lisboa (APCL) em parceria com o Centro de Reabilitação de Paralisia Cerebral Calouste Gulbenkian (URISO) da Santa Casa Misericórdia de Lisboa.

"Fui a primeira pessoa com deficiência a ser integrada, atendendo o telefone. Não gosto de estar parado, gosto de sentir-me útil e faço o meu papel. O desporto é como se fosse um espelho da vida. Temos de pensar em tudo, o Boccia obriga-me a pensar em tudo, é como na vida. Se cair, tenho pensar onde é que me irei agarrar, posso demorar uma hora ou mais mas faço as coisas", realça.

BOCCIA, UMA HISTÓRIA DE AMOR À PRIMEIRA VISTA

"Comecei a praticar Boccia em 1988 e desde então que ando a competir na categoria BC2", recorda Ricardo, que tem algumas participações importantes no currículo e na década de 90 sagrou-se campeão nacional na categoria BC2.

"Adorava participar nos próximos Jogos Paralímpicos, que vão decorrer em 2020 Tóquio, no Japão. Tenho de subir na classificação, estou em 11.º", acrescenta o nosso embaixador, que se inspira numa referência da modalidade, Cristina Gonçalves.

"É uma referência, presto atenção a tudo aquilo que ela faz. Inspiro-me nela, é uma conselheira e uma amiga", solta, referindo-se a uma modalidade que faz parte do Programa Paralímpico desde Jogos de Nova Iorque em 1984.

Ricardo procura ajudar a abolir preconceitos e ideias pré-concebidas.

"A deficiência ainda não é bem vista, ajudei a mudar a mente de algumas pessoas. Agora vêm dar-me um abraço ou beijinho sem receios. Não sou diferente, sou igual a elas. A limitação existe em todo o ser humano, todos temos pelo menos uma", observa.

Com a presença no Japão em mente, Ricardo deixa uma mensagem:

"Ser o mais feliz possível e lutar pelos meus sonhos!"

O QUE É O BOCCIA, NO QUE CONSISTE?

O Boccia é um desporto, misto, que pode ser jogado individualmente, por pares ou por equipas de três jogadores.

É praticado em cadeira de rodas, por atletas com paralisia cerebral e outras deficiências motoras. Requer dos jogadores doses de elevada concentração, coordenação, controle muscular, precisão, trabalho de equipa, cooperação e estratégia.

O jogo é composto por dois conjuntos de seis bolas cada, uma de cor vermelha, outra de cor azul e uma bola branca (bola alvo). O objetivo do jogo consiste em que o jogador, par ou equipa, coloque o maior número de bolas da cord com que está a jogar, mais próximas da bola alvo do que as do adversário (s). As bolas podem ser arremessadas com a mão, o pé ou para atletas que tenham uma deficiência que lhes afete os quatro membros, utilizando dispostivos de compensação, calhas, capacetes, onde estão incluídos ponteiros para o ato de lançamento.





Leonel Lopes Gomes
Responsável pelo Departamento de Marketing e Comunicação da Fundação AFID Diferença

PRÁTICAS DE INCLUSÃO

Novas tendências no desporto para as pessoas com deficiência intelectual:



AULA DE NATAÇÃO
» Piscina do Bairro da Boavista

Todos compreendemos a bondade das ações que promovem a participação das pessoas com deficiência no contexto do desporto e da atividade física e as razões são sobejamente conhecidas – bastará neste contexto afirmar a definição de saúde da Organização Mundial de Saúde (OMS): "um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de afeções e enfermidades".

A inclusão de pessoas com deficiência em qualquer contexto social é uma obrigação de todos. Como alguém sem deficiência me dizia recentemente: "tenho o direito de viver numa sociedade inclusiva". Assumindo desde já que a palavra INCLUSÃO implica uma perspetiva de ação muito necessária, haverá que, no espírito de Proença Garcia, R. (2017), reconhecer igualmente que "inclusão" é um conceito que implica, se bem que de forma menos marcada do que "tolerância", um equilíbrio de poder que balança de acordo com quem tem a prerrogativa de incluir – os estabelecidos vs os outsiders, no sentido de Norbert Elias – em termos prosaicos: quem pode, inclui; quem pode menos, deixa-se incluir (se tiver sorte...).

A Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência (FPDD) é uma associação de direito privado, dotada de utilidade pública desportiva e registada oficialmente como organização não-governamental de pessoas com deficiência. Neste contexto de complexidade, que reconhecemos, a FPDD e os seus membros continuam a desenvolver a sua missão de proporcionar a todas as pessoas, independentemente da sua capacidade funcional, oportunidades de atividade física e prática desportiva ao longo da vida, nas suas comunidades e de acordo com o nível de envolvimento desejado por cada indivíduo.

A FPDD e a Associação Nacional de Desporto para o Desenvolvimento Intelectual (ANDDI) procuram diariamente cumprir aquela missão, no espírito da missão da INAS (Federação Internacional de Desporto para Pessoas com Deficiência Intelectual): "Athletes with an intellectual disability should have the opportunity to compete to the highest level in sport".

Concluindo, as boas práticas de inclusão no desporto são todas aquelas que seguem os princípios avançados pelas Nações Unidas (Best Practices for Including Persons with Disabilities in all Aspects of Development Efforts, 2011): (a) assegurar a igualdade e a não-discriminação; (b) permitir a participação de pessoas independentemente da sua deficiência. Neste mesmo documento, sublinha-se a importância de se prestar especial atenção aos grupos de pessoas mais marginalizados, com referência específica às pessoas com deficiências psicossociais e intelectuais. É por aqui que guiamos as nossas ações e é por aqui que procuramos influenciar os agentes que, tendencialmente, se têm vindo a juntar ao movimento.

BIBLIOGRAFIA

Figueiredo, V., Santos, S., Gomes, F., Peralta, M., Marques, A. (2016). Atividade Física Formal e Informal em Alunos com e sem Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais: Estudo Comparativo. Desporto e Atividade Física para Todos – Revista Científica da FPDD. 2 (2). pp. 24-30. (http://www.fpdd.org/Cache/binImagens/XPQJBcAXX4413giEJo9Oj18ZKU.pdf)

Lantz, E., & Marcellini, A. (2017). Sports games for people with intellectual disabilities. Institutional analysis of an unusual international configuration. Sport in Society, 1-14.

Proença Garcia, R. (2017). Aaa. Desporto e Atividade Física para Todos – Revista Científica da FPDD. 3 (1) – no prelo

Leia o artigo na íntegra em



Mário Lopes
Presidente da Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência (FPDD)

A Importância do Desporto nas Atividades de Vida Diária

BEM-ESTAR FÍSICO







O trabalho desportivo desenvolvido diariamente no Centro de Atividades Ocupacionais (CAO) da Fundação AFID Diferença tem nos clientes o seu foco de ação principal. Ao longo das próximas linhas tentarei explicar, sucintamente e de forma breve, como a realização das Atividades de Vida Diária (AVD) no decorrer da prática desportiva são importantes para a promoção da Qualidade de Vida dos nossos clientes.

Enquanto orientador desportivo, o conceito de Qualidade de Vida (Quality Of Life, QOL), que na sua definição integra diversas dimensões humanas (como a vida familiar, social, ambiental e o próprio indivíduo enquanto responsável pela sua vida), assume um papel de relevo no trabalho a realizar com os clientes por ter uma dimensão holística, levando a definição de saúde a ser preterida por ser algo controversa.

A atividade desportiva caracteriza-se como uma prática regular de exercício corporal, obedecendo a regras, sendo praticado individualmente ou em grupo e com diversos objetivos. Entende-se por AVD o conjunto de atividades ou tarefas comuns que as pessoas desempenham de forma autónoma e rotineira no seu dia-a-dia, tais como o autocuidado, a mobilidade, a alimentação a higiene pessoal (banho, idas à casa de banho, controlo de esfíncteres) e o vestuário (vestir, despir, calçar)[1].

Os desportos individuais caracterizam-se por serem ações em que o praticante está sozinho, dependendo de si, não tendo ajuda externa para atingir o(s) objetivo(s) definido(s). As modalidades como a natação, o atletismo, o surf, entre outras atividades desportivas, são disso exemplo, existindo ainda algumas com oposição direta de um adversário, como são as modalidades de raquete. São utilizados como ferramenta para melhorar competências dos clientes porque ajudam a desenvolver a personalidade, estando o foco central no indivíduo, no desempenho pessoal e no conhecimento do "eu".

A evidência científica e a experiência disponível mostram que a prática regular de atividade física e o desporto beneficiam, quer fisicamente, quer socialmente, quer mentalmente, toda a população, homens ou mulheres, de todas as idades, incluindo pessoas com incapacidades (disability) [2].

Com a prática desportiva regular, pretende-se criar nos clientes hábitos saudáveis, rotinas e métodos que sejam repetidos e assimilados ao longo do tempo, com vista a tornarem-se efetivos.

3ª EDIÇÃO DOS JOGOS DO SPECIAL OLYMPICS PORTUGAL
» AFIDSport





Quando isto acontece, podemos partir para uma nova meta, traçando novos objetivos e métodos quantitativos para uma posterior avaliação. Desta forma, além dos benefícios imediatos para a saúde, estamos a melhorar a execução das AVD que, por sua vez, proporcionam uma melhor Qualidade de Vida.

---

[1] Parecer 12/2011, Mesa do Colégio da Especialidade de Enfermagem de Reabilitação

[2] Direcção-Geral de Saúde, A actividade física e o Desporto: um meio para melhorar a saúde e o bem-estar

Leia o artigo na íntegra em



Marco Ferraz
Técnico Desportivo da Fundação AFID Diferença

Media em Movimento
Comunicação e Relações Públicas

ASSESSORIA MEDIÁTICA

Redação e envio de notas de imprensa, visitas e conferências de imprensa, lançamento de novos produtos, inaugurações, eventos, serviço de recorte de imprensa (*clipping*), planos de situação de crise.

PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS

Para redes sociais, websites, newsletters, revistas corporativas, apresentações, discursos, palestras, conferências.

DESIGN GRÁFICO

Concepção gráfica (criatividade); Criação de Marca Mista;
Tratamento de Imagem; Flyers; Brochuras;
Criação de redes sociais; Criação de anúncios;
Imagens Web



SÓ BOAS NOTÍCIAS

www.mediaemmovimento.pt

ASSIM SE VÊ O SLB!

Pelos olhos dos clientes do Centro de Atividades Ocupacionais da AFID

A AFID, cujo trabalho notável conheço bem e há longa data, continua pioneira no pensamento e na ação.

Abraçou, em boa hora, o desafio das artes. Não como mero instrumento para o importante trabalho de estimulação intelectual e motora como é habitual fazer-se, mas como um desígnio de grupo, um desafio de identidade e pertença, um espaço de afirmação individual e um alfobre de autoestima. Para isso, mais do que uma forma de expressão tinha de ser Arte... e foi!

Sempre que vim à AFID, guiado pela mão do seu mentor e ideólogo, Dr. Domingos Rosa, ou da sempre presente Dr.ª Lutegarda, habituei-me a ver Arte, da boa e em quantidade. Nomeadamente pintura.

Arte desafiante pelas barreiras atravessadas, visões e sensibilidades bem diferentes das que estamos habituados. Ver, construir um discurso sobre o mundo e transmiti-lo aos outros de forma inteligível e igual, interpelando-os, fazendo-os questionar-se. É isso que fazem os artistas!

Estes artistas investem tudo de si para ver e apresentar as suas visões diferentes ao mundo, menos atento e sensível, mais centrado na satisfação das necessidades imediatas do que na construção da felicidade humana.

A Fundação Benfica está grata a estes artistas. Revemos neles muito do que defendemos e cultivamos como valores fundamentais. Desde logo a excelência, saída do inconformismo e da superação perante as dificuldades e barreiras que a vida sempre atravessa a cada um de nós.

Por isso, é com uma satisfação redobrada que abrimos as nossas portas para que nos visitem de forma sistemática e continuada ao longo do ano e conheçam as múltiplas realidades do Sport Lisboa e Benfica. Do grande jogo de futebol às modalidades, do Museu e das memórias ao estádio e aos seus recantos.

Sabemos que vieram para ver e nós, Fundação Benfica, desejamos que o façam e esperamos com redobrada expetativa pela Arte que daí virá.

"Assim se vê o SLB", propôs-nos a AFID para esta iniciativa. Assim nos mostramos e retorquimos "Assim se sente o SLB", ao serviço do bem estar e da felicidade humana, da tolerância e da valorização e afirmação de todos, como diferentes, iguais entre si.

Obrigado, AFID!

> Gostei de participar em todas as atividades, de ir ao pavilhão ver o jogo da equipa de basquetebol e de ter ido às piscinas.
>
> Filipa Sobral, Cliente da Unidade Artística do Centro de Atividades Ocupacionais (CAO) da Fundação AFID Diferença







Jorge Miranda
Diretor Executivo da Fundação Benfica

Leia o artigo na íntegra em



CONSOLIDAR E CAPACITAR A COMUNIDADE NA VIDA DOS IDOSOS

A importância da formação dos técnicos de intervenção direta na área das estratégias de atuação geriátrica e os seus impactos na promoção da qualidade de vida das pessoas idosas (com e sem deficiência)



ESTRUTURA RESIDENCIAL PARA PESSOAS IDOSAS (ERPI) DO EDIFÍCIO GERAÇÃO
» Sessão com a Terapeuta Ocupacional Diana Silva

Se, em 1961 Portugal era um país jovem, do ponto de vista demográfico, hoje a realidade apresenta-se muito diferente, pois manifesta já uma estrutura etária muito envelhecida (pela primeira vez o número de jovens foi superado pelo número de idosos no ano 2000), apesar de, no quadro comunitário, ocupar ainda um lugar intermédio.

A literatura aponta para o aumento do número de idosos, que passará de 2,1 para 2,8 milhões, entre 2017 e 2080. Face ao decréscimo da população jovem, a par do aumento da população idosa, o índice de envelhecimento mais do que duplicará, passando de 147 para 317 idosos por cada 100 jovens em 2080. Segundo a PORDATA, o índice de envelhecimento em Portugal em 2016 era de 148,7%, comparativamente a 1961, que era de 27,5%. Segundo a mesma fonte, o índice de dependência de idosos em 2016 apontava para 32,1%, sendo que em 1961 era apenas de 12,7%. Já o índice de longevidade em 1961 era de 33,6% e em 2016 é de 48,8%.

Ora, perante esta realidade e, com a evidência que o envelhecimento continuará a acentuar-se, este fenómeno transformou-se num desafio, quer pela sua intensidade, quer sua pela amplitude, uma vez que associado ao processo de envelhecimento, surgem um conjunto de alterações biológicas, psicológicas e sociais que vão acontecendo ao longo da vida de uma pessoa. Neste sentido e, no âmbito das políticas sobre o Envelhecimento Ativo, constitui-se um imperativo, nos dias de hoje, apostar em políticas que visem promover a longevidade mais saudável e produtiva onde as pessoas idosas assumam papéis de maior relevo até mais tarde.

Deste lastro, emerge o conceito de envelhecimento ativo, adotado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) nos anos 90, que nos remete para um "processo de otimização das oportunidades para saúde, participação e segurança, de modo a realçar a qualidade de vida na medida em que as pessoas envelhecem" (WHO, 2002:12).

Assim, o incremento da qualidade de vida preconizado como objetivo fulcral do envelhecimento ativo, contempla não unicamente indivíduos saudáveis e ativos, mas também indivíduos frágeis, fisicamente incapacitados ou que necessitem de cuidados. Pelo que, além das políticas e programas que incrementam a saúde física, são igualmente importantes aquelas que promovem as relações sociais e a saúde mental.

Importa, assim, intensificar a importância da formação dos cuidadores informais, figuras essenciais na continuidade da intervenção com as pessoas idosas, ao nível da comunidade ou em outro tipo de respostas sociais.

Com a formação, pretende-se consolidar e capacitar respostas integradas e integradoras que visem criar sinergias para assegurar o bem-estar e promover a qualidade de vida das pessoas idosas, com ou sem deficiência, em processo de envelhecimento e das respetivas famílias, bem como promover a disseminação do conhecimento, a partilha de técnicas e ferramentas de intervenção e a reflexão sobre a temática alargada do envelhecimento.

Estimular para o exercício de cidadania, através de processos de mudança ao nível individual, da comunidade e das instituições, valorizando-se a comunicação e a criação de espaços de participação acessíveis, como instrumento da cidadania. E, participar como veículo privilegiado de empowerment pessoal e familiar de co-responsabilização, aprendizagem e melhoria contínua da eficácia e da qualidade de vida, pois sejamos inconformados e rejeitemos o conceito de "depósitos de pessoas", assumindo com inovação um novo paradigma, uma nova conceção de prestação de cuidados à luz de um cuidar inclusivo e participativo, isto é, permitir que um número mais alargado de pessoas possa incorporar os conhecimentos, a prática e trabalhar na melhoria contínua da práxis de inclusão social dos idosos pela saúde.

BIBLIOGRAFIA

Cabete, D. (2005). O idoso, a doença e o hospital: O impacto do internamento hospitalar no estado funcional e psicológico das pessoas idosas.
Loures: Lusociência.
Fonseca, A.M. (2004). O envelhecimento: Uma abordagem psicológica.
Lisboa: Universidade Católica Editora.
Pordata, INE
WHO, 2002

> Com a formação pretende-se consolidar e capacitar respostas integradas e integradoras

Leia o artigo na íntegra em



Enfermeira
Ana Paula Ventura
Centro Hospitalar MediaTejo
Direção de Enfermagem

A importância da implementação de estratégias de Envelhecimento Ativo na promoção da

QUALIDADE DE VIDA DAS PESSOAS IDOSAS

O envelhecimento é uma consequência natural de qualquer sociedade. A velhice é, equivocadamente, contemplada como um período de estagnação, de declínio e de perdas, sem possibilidade de crescimento, participação e envolvimento nos mais variados contextos. Para que a população envelhecida possa desfrutar, nas melhores condições, este período de vida, é necessário levar a cabo um conjunto de iniciativas que promovam o envelhecimento ativo, tendo sempre em conta as necessidades bio-psico-sociais e também os recursos humanos e materiais disponíveis. A promoção de um envelhecimento ativo e saudável tem sido um caminho apontado como resposta aos desafios relacionados com o aumento da esperança média de vida. Um aspeto intrinsecamente associado à visão do Envelhecimento Ativo é a Qualidade de Vida da pessoa idosa.

A relação entre o Envelhecimento e Qualidade de Vida é complexa, uma vez que os dois conceitos dependem de vários fatores, no entanto, o crescente envelhecimento da população tem vindo a despertar um forte interesse na Qualidade de Vida de Idosos (Paúl, Fonseca, Martín, & Amado, 2005), sendo que pressupõe a adoção de estilos de vida adequados às alterações biológicas e psicológicas do envelhecimento.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a Qualidade de Vida como "a perceção do indivíduo sobre a sua posição na vida, dentro do contexto de subsistemas e cultura e valores nos quais está inserido e em relação aos seus objetivos, expetativas, padrões e preocupações" (WHOQOL Group, 1994, p.28). Deste modo, a Qualidade de Vida parece estar relacionada com a ausência de doença, o suporte social e o bom funcionamento físico e cognitivo (Hortelão, 2003).

Por outro lado, a OMS (2002) definiu o Envelhecimento Ativo como "o processo de otimização de oportunidades de vida, em termos de saúde, de participação multidimensional da pessoa, à medida que esta envelhece" (p.12). Perspetiva-se a redução das causas que levam à perda de autonomia; a promoção de um elevado nível funcional e a manutenção da participação social, aumentando o índice de bem-estar subjetivo.

ERPI
» Trabalho diário de estimulação motora



A Fundação AFID Diferença, na sua intervenção direta com Pessoas Idosas, viabiliza nas respostas sociais da Estrutura Residencial para Pessoas Idosas (ERPI) e do Serviço de Apoio Domiciliário (SAD), estratégias em prol do desenvolvimento saudável e ativo da população senior de modo congruente com as suas expetativas, desejos pessoais e coletivos.

Em relação à **adequação dos cuidados face às necessidades das pessoas idosas** desenvolvem-se:

Cuidados de saúde física e mental, cuidados específicos nas áreas da alimentação, higiene e deslocação e cuidados ao nível da autonomia e da independência. Relativamente ao desenvolvimento de ambientes defende-se: promoção de ambientes capacitadores da segurança e independência e formação aos cuidadores e profissionais no âmbito das necessidades concretas dos idosos.

Por forma a operacionalizar todas estas estratégias, a AFID dispõe de um conjunto de profissionais qualificados que intervêm numa perspetiva multidisciplinar e multidimensional, garantindo a abrangência e continuidade dos cuidados necessários às Pessoas Idosas que atende diariamente.

BIBLIOGRAFIA

Canavarro, M. C. (2010). Qualidade de Vida: Significados e Níveis de Análise. In M. C. Canavarro & A. Vaz Serra (Coords.) Qualidade de vida e saúde: Uma abordagem na perspectiva da Organização Mundial de Saúde (pp.3-21). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Hortelão, A. P. S. (2003). Envelhecimento e qualidade de vida – estudo comparativo de idosos residentes na comunidade e idosos institucionalizados na região de Lisboa. Dissertação de Mestrado em Comunicação da Saúde. Lisboa: Universidade Aberta.

Organização Mundial de Saúde (2002). Active Ageing: A Policy Framework. Disponível em: http://whqlibdoc.who.int/hq/2002/WHO_NMH_NPH_02.8.pdf

Paúl, C., Fonseca, A., Martín, I., & Amado, J. (2005). Satisfação e Qualidade de Vida em Idosos Portugueses. In C. Paúl & A. Fonseca (Coords.) Envelhecer em Portugal. Psicologia, Saúde e Prestação de Cuidados (pp.77-96). Lisboa: Climepsi.

WHOQOL Group (1994). Development of the WHOQOL: Rationale and current status. International Journal of Mental Health, 23(3), 24-56.



Leia o artigo na íntegra em

A AFID TRABALHA ESPECIFICAMENTE PARA A CONCRETIZAÇÃO DOS SEGUINTES OBJETIVOS:

A Promoção do envelhecimento ativo;

B Adequação dos cuidados às necessidades das pessoas idosas;

C Promoção e desenvolvimento de ambientes capacitadores.

Relativamente às estratégias de intervenção, e face ao objetivo de promoção do envelhecimento ativo, propõem-se:

- Atividades de estimulação cognitiva e sensorial;
- Atividades de estimulação motora;
- Atividades com envolvimento familiar;
- Atividades socioculturais.



Teresa Reis
Psicóloga Clínica da Fundação AFID Diferença



Andreia Oliveira
Coordenadora do Serviço de Apoio Domiciliário (SAD) da Fundação AFID Diferença

AS CRIANÇAS NÃO TRAZEM LIVRO DE INSTRUÇÕES!



"(...) deveria haver assim tanta previsibilidade ao ponto de sabermos sempre como agir com cada criança em todos os momentos?"

Desde que comecei esta viagem como Educadora de Infância, a 1 setembro de 2002, na creche do Centro de Recursos do Zambujal (CRZ) da AFID, é este o número de crianças que já passaram por mim: 198. Meninos e meninas que deixaram a sua marca na Educadora que hoje sou.

Dizer que as crianças não trazem manual de instruções pode parecer uma frase feita. Parecida com aquela (feia) que algumas pessoas dizem: "são muitos anos a virar frangos". Pois, uma coisa é certa, nesta profissão, por mais "frangos que se virem", sabemos sempre o mesmo sobre uma criança quando chega até nós: NADA.

Quer dizer...sabemos que fazem parte de uma família, que trazem consigo uma bagagem genética, rotinas que foram construindo em casa com os pais/irmãos/avós e outras pessoas mais próximas, sabemos, também, a profissão dos pais e onde a exercem, sabemos, ainda, que chegaram até nós por necessidade de ambos de regressar ao trabalho. Pode haver mais motivos, mas sem dúvida que será este o principal.

Depois de sabermos estas primeiras informações, que são cruciais para começar a escrever a história de cada criança, tem então início a verdadeira aventura: cativá-la e deixar que ela nos cative.

Aqui, as Educadoras fazem o que sabem fazer melhor, observam, registam, interagem, sem invadir o espaço da criança, e vão conquistando o seu lugar na vida dela. É uma descoberta diária: aos poucos vamos percebendo que o J. gosta mais de batata do que arroz, o A. adora os burrinhos de borracha que há na caixa dos animais, a C. delira com qualquer canção, e pede "mais", e o F. mexe na orelha quando tem sono. São coisas que só sabemos porque estamos atentas, porque fazemos bem o nosso trabalho. Porque estamos ali por elas e para elas, pelas crianças que se dão a conhecer a nós, até há pouco tempo completas estranhas para elas, e que isso vale ouro.

Mas mesmo depois de saber algumas coisas sobre elas, todos os dias são diferentes do anterior. Ou porque dormiu mal, porque a mãe está fora do País, porque levou uma vacina, porque está constipada, ou, ainda, porque lhe falta a chucha...

> E para a criança seria desafiador ter um adulto que sabe tudo sobre ela?



CRECHE VENTEIRA
» Brincadeira durante uma sessão

Mesmo já sabendo muito sobre cada criança, num determinado dia teremos de lidar com um fator de stress inesperado ou até desconhecido. E então como fazer? Há uma solução milagrosa? Tantos anos de prática e não há segredos para todas as birras e todas as situações desconhecidas?

Não, não há. Mas podemos perguntar o seguinte: deveria haver assim tanta previsibilidade ao ponto de sabermos sempre como agir com cada criança em todos os momentos? Deveria ser assim tão taxativo: "fazes isto, logo eu faço aquilo?"

E onde fica a espontaneidade, a surpresa, a beleza do desconhecido, a imprevisibilidade espetacular de ser criança?

E para a criança seria desafiador ter um adulto que sabe tudo sobre ela ao ponto de antecipar o que vai fazer e responder de forma automatizada, quase sem emoções? Parece muito mais rico e encantador que esta beleza da relação adulto/criança, em contexto educativo, seja o menos previsível possível. Ambos estão em constante descoberta e crescem com esta magia.

De facto, as crianças não trazem manual de instruções. E ainda bem. Estas 198 viagens teriam perdido toda a graça se assim fosse. E as que ainda estão por vir também...



Andreia Ferreira
Coordenadora da Creche Geração da Fundação da AFID Diferença

CONFIA EM MIM!

Dedico este artigo a toda a equipa Tandem que laboriosamente colaborou, construiu e discutiu esta pesquisa.

Em 2015, inicia-se a equipa Tandem portuguesa na esteira da equipa de Dresden (Escola Evangélica da Universidade Protestante de Ciências Aplicadas em Trabalho Social, Educação e Enfermagem), que procurou estudar o papel dos homens na educação de infância na Alemanha. Com esta motivação, a equipa coordenada por Holger Brandes iniciou um estudo a que chamou Tandem (nome dado a uma bicicleta de dois lugares), onde pares de educadores de infância foram observados a brincar com crianças entre os 4 e os 5 anos de idade (na Alemanha cada sala tem geralmente dois educadores). No âmbito deste estudo, os educadores constroem com a criança um produto, algo à sua escolha, usando vários materiais e ferramentas do quotidiano numa situação quasi-experimental. Nesta experiência, os adultos envolvem-se numa tarefa cooperativa com a criança. O objetivo deste estudo era comparar os produtos construídos pelas crianças, o envolvimento/participação e os materiais escolhidos, ora com educadores masculinos, ora femininos. A equipa portuguesa da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa acrescentou à investigação original o estudo da interação de Pais e Filhos/Filhas.

OS DADOS CIENTÍFICOS FAZEM-NOS PENSAR?

É TEMPO DE BRINCAR TODOS OS DIAS

Em primeiro lugar, os resultados revelaram que são os pais, que habitualmente passavam mais tempo diário a brincar com os seus filhos, aqueles esperam mais pacientemente pela iniciativa da criança, confiam mais nas suas ideias e na sua capacidade de as colocar em prática dando-lhe, por isso, mais espaço e oportunidade.

Ora, a investigação científica indica que as crianças aprendem a brincar. Aprendem a relacionar-se, a fazer amigos, a cooperar, a negociar, ganham intuição e conhecimentos lógicos por tentativa e erro, para simbolizar as suas ações e elaborar e reelaborar sobre as suas brincadeiras, aprender a falar e comunicar, etc.... Mas afinal os adultos também aprendem? Aprendem a conhecer os seus filhos, a confiarem neles e nas suas capacidades, a aprender a esperar pela sua vez, a ouvir, a aceitar, a negociar ...e estes pais (que aprendem) tornam-se em bons modelos para os seus filhos.

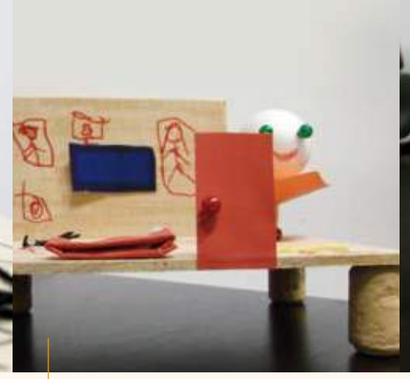


ACEITO AS TUAS IDEIAS, PORQUE CONFIO NAS TUAS IDEIAS E EM TI

Outro resultado intrigante, os adultos (pais ou educadores) que aceitaram mais as ideias das crianças obtiveram mais sugestões e mais participação da criança. Nestes casos, a criança tentou, persistiu mais e ouviu mais as ideias dos adultos. À medida que o adulto aceitou a criança, a criança aceitou o adulto e trabalharam conjuntamente. Quando o adulto persistiu nas suas ideias e sugestões, a criança acabou dispersa, reativa ou desinteressada. Nestes caso, as crianças deixam de sorrir, de acompanhar com atenção a tarefa, começam a falar mais baixinho, a gritar ou ainda a falar de outros assuntos.



PEÇA
» Realizada por um menino de 4 anos com a sua mãe.



PEÇA
» Realizada por uma criança de 3 anos com a sua educadora



PEÇA
» Realizada por uma menina de 4 anos com o seu pai

COM ELES FAZEMOS MELHOR

Alguns adultos aceitaram as sugestões ou ideias da criança ("vamos fazer um boneco de neve" "Vamos!") e perguntam-lhe como quer fazer? E para ajudar fizeram por ela. Pois, então, colocaram, pintaram, arranjaram soluções ou pregaram pela criança. Claro, brincar é divertido para todos! No entanto, quando foram as crianças a fazer ou a fazer com o adulto, os produtos criados tinham mais elementos, eram mais criativos e originais.

BOA! - BONS E MAUS ELOGIOS

Numa atividade de 20 minutos foram poucos os adultos que não elogiaram a criança. Alguns elogiaram duas/três vezes, outros mais de 20 vezes. Em princípio, é melhor para a criança receber mais respostas positivas. Todavia, nem todos os elogios são iguais! Alguns elogios são centrados no adulto – convenciona à criança o que é adequado e o inadequado para o adulto. Por exemplo, elogiar com "muito bem" ou "boa" quando a criança faz como o adulto pediu ou instruiu. Aqui a criança é reforçada a comportar-se como o adulto deseja. Não é, verdadeiramente, um elogio mas uma orientação. Algumas crianças com necessidade de aprovação sentem-se recompensadas e esforçam-se para ir correspondendo às expetativas do adulto. Outras, porém, podem resistir e contrariar o adulto. Outros elogios são centrados na tarefa e valorizam a participação da criança numa tarefa ou trabalho. Por exemplo: "Ainda bem que me estás a ajudar para acabarmos depressa". Este tipo elogio envolve a criança na atividade e valoriza o papel da criança na atividade tratando-a como parceiro. Por fim, temos elogios centrados na criança: i) na sua competência (como "Gostei muito do teu barco. Ensina como é que fazes?" Em vez de "está bonito", ou "muito é bem", o adulto coloca-se a par com a criança, valoriza o que ela sabe e o adulto dispõem-se a aprender com ela) e ii) na sua pessoa (Vamos ouvir o João com atenção). Este último tipo de elogio (centrado na criança) respeita a criança e valoriza-a nas suas competências, ações e particularidades.

As mães e educadoras elogiam mais do que os pais ou educadores, mas existem muitas formas de responder positivamente à criança como sorrir, olhar para ela, partilhar um sentido de humor comum, acenos ou gestos afetivos. Os homens optam mais por estas formas indiretas de reconhecimento e envolvimento da criança. Na verdade, não existem caminhos únicos em educação, depende de cada criança, de cada contexto e situação!

VAMOS CONVERSAR

Alguns adultos optam por sugerir em vez de dar ordens. As ordens só podem ser acatadas ou contrariadas, relegam a criança para um desses papéis. Os adultos que sugerem, permitem que a criança decida aceitar ou não aceitar a sugestão, ou reformular essa sugestão, contra sugerir ou aceitar em parte para atingir uma conciliação de interesses com o adulto. Existem, porém, diversas formas de comunicação. A comunicação pode incluir perguntas que permitem à criança refletir, exprimir o que sabe ou que sente, enquanto permite ao adulto conhecer a criança. Contrariamente, formas fechadas de comunicação como ordens, diretrizes, ou pedidos não permitem o diálogo e limitam a participação da criança. Já pensou sobre como comunica?

CONFIEM NA CRIANÇA!

Em suma, esta investigação desafia-nos a pensar se esperamos com paciência pelas decisões e ações da criança, se a desafiamos a pensar sobre novos conceitos e a solucionar os problema com os quais se depara, se lhe damos oportunidade para colocar as duas ideias em prática, se a respeitamos e a valorizamos, se a ouvimos e a procuramos conhecer. Assim, deixámos os resultados da equipa Tandem Portuguesa, uma equipa composta por educadoras, professores, psicólogos, linguistas, juristas, investigadores na área do desenvolvimento e da educação que lançaram o seu olhar sobre as interações com a criança. Os dados recolhidos em Portugal abrem uma janela de observação para nossas famílias e para a educação de infância no nosso país. Se tivéssemos que resumir todos os resultados numa frase seria "Confiem na criança!".

> "A maneira mais eficaz de corromper o jovem é ensiná-lo a admirar aqueles que pensam como ele e não os que pensam de forma diferente" (Nietzsche)



Marina Fuertes
Professora da Escola Superior de Educação de Lisboa, Instituto Politécnico de Lisboa | Coordenadora da Equipa Tandem Portuguesa



Explicas-me...

É a idade dos porquês. A fase em que as crianças começam a questionar tudo e todos, com perguntas pertinentes. Nas próximas linhas, vamos tentar ajudar pais, irmãos, familiares, educadores e amigos com algumas dicas bastante úteis.

Explicas-me...

Porque é que não posso bater?

Todas as crianças pequenas entram em conflito com os seus pares e, a maior parte das vezes, tentam resolver esse mesmo conflito de forma física, seja através de gritos, choro, mordendo ou até batendo.

Compete ao educador gerir essa situação de uma forma imparcial...o que nem sempre é fácil...

Então o que fazer nestas situações?

O adulto deve dirigir-se às crianças que estão em conflito de forma calma, serena e procurar perceber o que se está a passar e qual a causa do conflito.

Este momento é crucial, pois o educador deve escutar e valorizar o que cada uma diz/expressa para de seguida poder gerir.

Para nós adultos, estes comportamentos são reprováveis, mas temos de os ver aos olhos de uma criança. A maioria das vezes, as crianças podem não ter a capacidade de descrever o que sentem e, a conclusão que chegam é que bater num amigo pode ser a única maneira de comunicar a frustração ou irritação que sentem, já que não sabem como exprimir tais sentimentos. Identificar as emoções da criança e fornecer as palavras utilizadas para descrevê-las, com o passar do tempo, pode evitar a recorrência deste comportamento, afinal, é ele que precisa ser modificado, e não a sensação de frustração.

A história seguinte poderia ter sido inventada mas não foi e aconteceu no ano passado com uma criança da nossa creche da Venteira. E foi, mais ou menos assim, o desenrolar da conversa.

Explicas-me?

Uma educadora ou outra pessoa com a barriga grande que está à espera de bebé... A primeira observação de uma criança ao ver a pessoa é, de uma forma simplista, dizer que a pessoa está gorda.

A pessoa explica que está à espera de um bebé. E a criança diz:

Onde?

A pessoa responde que o bebé está dentro da barriga, por isso é que tem assim a barriga grande. Já são raras as histórias à volta da cegonha, o bebé que vem numa cegonha é uma história em vias de extinção. Tanto em casa como na escola, aproximar as respostas o mais possível à realidade é sempre a melhor opção, salvo algumas exceções.

Depois da explicação da barriga, o mais comum é as crianças perguntarem:

Quero ver o bebé? Deixa-me ver?

O adulto tem de adequar a resposta à idade e maturidade da criança. Normalmente, responde que não pode ver o bebé porque este ainda está na barriga. Só quando crescer mais um pouco é que podemos vê-lo.

As crianças impacientes, como são, não aceitam a resposta de ânimo leve e continuam:

Mas porquê? Quero brincar com ele!

E o adulto mantendo a sua postura assertiva, continua a explicar que não pode, que antes de serem bebés, são uma sementinha que vai crescendo na barriga. E é o médico que ajuda a tirar o bebé da barriga. Isto porque as perguntas podiam continuar...



CRECHE CRZ
» Pré-Escolar



CRECHE GERAÇÃO
» Sala de Refeições

"A mãe? O pai?"

Responder a estas perguntas é um grande desafio. Por várias razões. Quando a criança é muito pequena (antes dos dois anos), é difícil compreender conceitos como "foi trabalhar", "foi ganhar tostão", que justifiquem a ausência da figura de referência durante um período de tempo tão alargado.

Por outro lado, quando começa a entender que o pai e mãe foram mesmo trabalhar mas mesmo assim levanta a questão, mostra que não se sente satisfeita, nem com a resposta, nem com a ausência, mesmo que seja para trabalhar. É uma separação difícil para ambas as partes (pais e filhos).

É tarefa dos adultos da sala serem um suporte para estas ansiedades, saberem diferenciar as angústias e terem sempre muitas estratégias para pôr em prática quando for necessário. No campo das estratégias, a rotina da sala é sempre uma ótima aliada, pois a criança vai desde cedo interiorizando os vários momentos do dia (brincadeira, almoço, sesta, lanche) e apesar de não saber as horas, vai-se regulando por esses momentos e sabe que a mãe ou o pai chegam a seguir a um deles. Falar sobre o que se vai passando ao longo do dia ajuda a criança a estruturar o pensamento e criar mecanismos de auto-regulação. Claro que sair da rotina também pode acontecer, mas quando assim é, torna-se ainda mais importante falar com a criança, explicando o que vai ser feito de maneira diferente e porquê. Saber que a mãe e o pai regressam sempre ao final do dia não se aprende de um dia para o outro.





Susana Oliveira, Cláudia Gaspar e Andreia Ferreira
Coordenadoras das Creches Venteira, CRZ e Geração

AÇÃO PEDAGÓGICA
E DESENVOLVIMENTO

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NA INFÂNCIA



As crianças, como protagonistas ativas do seu desenvolvimento, terão de aprender a lidar com os seus estados emocionais e a descodificar/ interpretar a expressividade das outras pessoas.

Compete ao educador/professor o desenvolvimento da inteligência emocional rumo à construção do equilíbrio e do sucesso na intervenção educativa. Neste sentido, necessitará de formação específica para identificar, avaliar e intervir na promoção da educação emocional da infância e, sobretudo, experienciar, em microgrupos e por autoscopia, casos práticos dilemáticos, identificação de situações de (i)literacia emocional e de situações alexotímicas.

Mayer e Salovey em 1990, focalizaram pela primeira vez, este processo ser inteligente em momentos emotivos:

"A capacidade de perceber, avaliar e expressar emoções com precisão; a capacidade de acessar e/ou gerar sentimentos de modo a facilitar o pensamento; a capacidade de entender as emoções e o conhecimento emocional e a capacidade de regular emoções para promover o crescimento emocional e intelectual" (Mayer, Salovey & Caruso, 1997, p.10). Explicitando melhor, referem que utilização de processos relacionados à Inteligência Emocional se inicia quando uma informação carregada de afeto entra no sistema perceptual, envolvendo os seguintes componentes: a) avaliação e expressão das emoções em si e nos outros; b) regulação da emoção em si e nos outros; c) utilização da emoção para adaptação.

O modelo das quatro bases da inteligência emocional, de Cooper & Sawaf (1997), servirá de matriz reflexiva para a promoção do processo de desenvolvimento da inteligência emocional.

› Alfabetização emocional – focaliza a automotivação, o autoconhecimento e empatia no sentido do desenvolvimento do quociente emocional (QE). Tem quatro elementos de sustentação da aprendizagem: honestidade emocional; energia emocional; feedback emocional; intuição prática. Trabalho organizado.

› Competência Emocional – promove o entusiasmo ou fascínio, a capacidade de recuperação, a expansão de confiança, aprendendo a lidar com pressões e problemas de um modo mais saudável e aberto. Tem quatro elementos referenciadores: presença autêntica; raio de confiança; insatisfação construtiva e capacidade de renovação. Abre espaços para a criatividade, a adaptação, a qualidade produtiva, a eloquência, "valorização das possibilidades criativas da diversidade e do conflito humano".

› Profundidade Emocional – promove as relações interpessoais e intrapessoais, designadamente as habilidades de compreensão, a motivação, a interação cooperativa e a capacidade do autoconhecimento.

› Alquimia Emocional - a elevação da consciência emocional e da aplicação intuitiva da inteligência emocional. Estimula o fluxo intuitivo, o deslocamento reflexivo no tempo; o sentir as oportunidades e a construção do futuro. Essas habilidades são movidas pelo envolvimento, criatividade, adaptabilidade, ampliação do campo sensorial, ambição e desejo.

A ação pedagógica responsiva e responsável, alicerçada numa educação emocional efetiva, precisa sustentar, pela premência da tomada de decisão nas situações dolorosas, difíceis ou incómodas, um propósito de vida, comprometido com valores altitudinais, criativos e experienciais.

Boris Cyrulnik visualiza a resiliência como um oxímoron, em que o sujeito é cindido por um trauma, mas se reconstrói e resiste; sofre, mas tem esperança apesar de tudo. Para Cyrulnik (2001), a resiliência é um processo íntimo que se integra num processo social e pertence à família dos mecanismos de defesa. É controlável e traz esperança, podendo ser simbolicamente considerada uma em "mola" e "tecido". "Mola" porque, ao receber o impacto da adversidade, a pessoa sofre (de certa maneira "deforma-se", como a mola ao receber uma força: quando a mola é presa a um peso, por exemplo, estica, mas depois volta) e depois supera o sofrimento, salta superando o fator que ameaça a pessoa. "Tecido" porque se configura no espaço entre a pessoa e seu entorno social (especialmente as pessoas significativas com quem é possível estabelecer uma relação de apego seguro), como um mosaico de pano que vai sendo tecido. Como mola e tecido, a cada impacto, é possível buscar a superação, ou seja, "apesar do sofrimento, buscamos a maravilha" (p.194).

Esta capacidade de transformar uma situação de dor em possibilidade de crescimento, ou capacidade humana para enfrentar, sobrepor-se e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidade (Grotberg, 2002, p.20), poderá ser uma utopia mas merece ser promovida no processo de educação para o futuro com sentido, com rumo individuador e altruísta.

Leia o artigo
na íntegra em



Julio Emilio Pereira De Sousa
Departamento de Educação
Especial e Psicologia da Escola
Paula Franssinetti



SEMINÁRIO EDUCAÇÃO

Um marco de viragem na história da AFID Kids

Conceber um seminário é uma tarefa que tem o poder de envolver toda uma equipa. Ainda mais um evento, que surgiu num período particularmente delicado na vida da Fundação AFID Diferença, quando perdemos a nossa pessoa de referência, a Drª. Lutegarda.

Este evento foi um marco de viragem na história da AFID Kids e também uma singela homenagem ao seu legado, à sua memória, ao crescimento que trouxe à nossa resposta social e ao cunho de qualidade que deixou em tudo o que fez.

Foi definido o tema, de encontro ao trabalho desenvolvido nas creches e pré-escolar, foram formalizados os convites aos participantes que apresentaram comunicações/ testemunhos, o sonho cresceu e tomou forma. Todos os elementos da equipa AFID Kids foram envolvidos, em tarefas administrativas, logísticas e de catering, o Marketing concebeu toda a parte de divulgação e inscrição no evento e no dia 3 de junho deste ano, 2017, chegou.

O espaço do Salão Nobre, gentilmente cedido pela Escola Superior de Educação de Lisboa (ESELx), foi perfeito para receber este Seminário: um local grandioso sem deixar, ao mesmo tempo, de ser acolhedor e intimista.

A primeira comunicação foi da responsabilidade da Drª. Filipa Domingos, presidente da Comissão de Proteção de Crianças e Jovens da Amadora (CPCJ) Amadora, acerca do papel da família na proteção dos direitos da criança, seguida pelas Professoras, Dr.ªs. Marina Fuertes e Dalila Lino, da ESELx, falando sobre o direito a brincar.

Por último, tivemos um painel de testemunhos de famílias, técnicos e instituições parceiras, que se debruçaram sobre os laços para a vida que se criam entre a escola e a família.

Neste seminário foi importante a reflexão sobre o tema, tentando mostrar que trabalhá-lo na primeira infância é possível, se família e escola estiverem de mãos dadas. Uma ressalva importante para o número e diversidade de participantes que tivemos, cerca de 80, de várias instituições de dentro e fora do concelho da Amadora, famílias e técnicos, que fizeram uma avaliação muito positiva desta inolvidável manhã de partilha.

Internamente, somos os primeiros a reconhecer que há pontos a melhorar num próximo seminário, mas tiramos muitos pontos positivos. Sabemos que deixámos orgulhosos quem acredita em nós.

> “Em 2018 seremos ainda melhores.



SEMINÁRIO DA EDUCAÇÃO
» Salão Nobre da Escola Superior de Educação de Lisboa



Andreia Ferreira
Coordenadora da Creche Geração da Fundação da AFID Diferença



PROJETO INDIVERSO

À Educação e Formação Profissional é comum estar associado um conjunto de barreiras e riscos de exclusão social para jovens com incapacidades. Além disso, revela-se drástico o aumento de jovens com perturbações mentais no campo da formação profissional. Isto representa um grande desafio para empregadores, formadores e professores que não têm o repertório adequado para tomar medidas ou o devido apoio para tal. Atualmente, os programas de educação e apoio nem sempre vão ao encontro dos requisitos específicos deste tipo de público, uma vez que acabam por ser enquadrados em categorias de deficiência genéricas.

O INDIVERSO une esses jovens, organizações de auto-ajuda, prestadores de serviços de reabilitação e empresas de formação, para que possam trabalhar em conjunto para desenvolver uma "toolbox de conceitos de apoio" que ajudará a permitir que estes jovens obtenham níveis de sucesso na educação profissional, formação e emprego.

Com o INDIVERSO foi desenvolvida uma política educacional que pretende fornecer treino individual e um conjunto de linhas orientadoras. Esta abordagem inclui, também, estruturas de suporte para estudantes e formadores.

A Fundação AFID Diferença é uma das onze organizações parceiras de sete países europeus envolvidas no INDIVERSO. Cada entidade partilhou um conjunto único de habilidades e experiências. A dedicação ao projeto, a combinação das competências e experiências de cada parceiro, torna o INDIVERSO num projeto inovador com resultados duradouros e tangíveis.



EditeSobrinho
Responsável pela Formação Profissional
da Fundação AFID Diferença

Maria Lutegarda

Recordar a pessoa e manter viva a sua obra e legado!

A missa em memória do 1.º ano do falecimento da Drª. Maria Lutegarda decorreu no passado dia 22 de novembro no Auditório da Fundação AFID Diferença, com o seu nome. Estiveram presentes cerca de 150 pessoas, que quiseram relevar a importância desta grande mulher, mãe, avó e profissional.

A anteceder a cerimónia, teve lugar um momento de poesia, que ela adorava, organizado e preparado por uma grande amiga sua, Dr.ª. Lília Tavares, e Carlos Campos, responsáveis pela página "Quem lê Sophia de Mello Breyner Andresen".

Neste momento muito intimista, que antecedeu a cerimónia religiosa, foram declamados, pela voz do dizedor José Proença Carvalho, dez lindíssimos poemas, acompanhados musicalmente pela violoncelista Ana Hespanha, que criaram um tempo de reflexão, de nostalgia e saudade.

Foram, ainda, declamados poemas de Ana Briha, Cecília Villas Boas, Eugénio de Andrade, Fernando Pessoa, Joaquim Pessoa, Sebastião da Gama e Sophia de Mello Breyner Andersen.

Entretanto, e de forma espontânea, o ator Alexandre de Sousa, presente no evento, associou-se ativamente a esta cerimónia, através da declamação de um bonito poema de Florbela Espanca.

Posteriormente, decorreu a cerimónia religiosa, presidida pelo padre Carlos Azevedo, cuja homilia cativou todos os presentes, conduzindo-os a uma reflexão sobre a vida, a morte, o exemplar percurso e o legado que a Drª. Maria Lutegarda nos deixou.





ATUAÇÃO DA VIOLONCELISTA NA MISSA
» Ana Hespanha

Apesar de refletir um momento de tristeza pela sua ausência, as palavras proferidas na homilia foram uma Ode à Vida, fazendo sobressair a personalidade eloquente, generosa e sensível desta grande e inesquecível senhora.

> *"Poder contar com os amigos é muito bom nos momentos de fragilidade. É igualmente bom nos momentos de felicidade. Eu agradeço a Deus poder contar com tantos amigos do peito.*
>
> Lutegarda Justo
> (Numa mensagem SMS em Outubro de 2016)



Domingos Rosa
Presidente do Conselho de
Admnistração da Fundação
AFID Diferença



CENTRO DE MEDICINA FÍSICA E DE REABILITAÇÃO

Procuramos a melhoria da sua qualidade de vida.

O Centro de Medicina Física e de Reabilitação (CMFR) é um espaço vocacionado para o apoio na área da saúde, na reabilitação física e funcional, para doentes agudos e crónicos.

SEVIÇOS PRESTADOS

Cuidados de Saúde no âmbito da Medicina Física e de Reabilitação a doentes agudos, subagudos e crónicos:

- Cinesioterapia;
- Cinesioterapia Respiratória;
- Eletroterapia;
- Ensino e treino de doentes e cuidadores;
- Musicoterapia;
- Terapia Ocupacional;
- Fisioterapia;
- Hidroterapia;
- Mecanoterapia;
- Snoezelen;
- Terapia da Fala;
- Termoterapia;
- Treinos Terapêuticos;
- Ventiloterapia.

ÁREAS TERAPÊUTICAS

- Reabilitação Neurológica;
- Reabilitação Músculo-esquelética;
- Reabilitação Cardiopulmonar.

OUTROS SERVIÇOS

- Hidroterapia;
- Sessões de Relaxamento;
- Adaptação ao Meio Aquático para Bebés;
- Classe de Hidroginástica.

ACORDOS: Fidelidade, Lusitânia, Ocidental, Serviços Sociais Caixa Geral de Depósitos (CGD), SAMS – Quadros, Imprensa Nacional da Moeda (INCM), CTT, Médis, Multicare e Medicare.



Piscina aquecida a 33 graus



afid
fundação afid diferença









Exposição

18-29 Julho 2017 na Casa-Museu Medeiros e Almeida

VISLUMBRE DESLUMBRE

Pintura | Ilustração | Gravura | Cerâmica | Têxtil



PERFORMANCE DA AFIDANCE
» Inauguração da Exposição

Exposição de Pintura, Ilustração, Gravura, Cerâmica e Têxtil

A AFID teve em julho de 2017 a tão esperada oportunidade de revisitar um espaço de excelência, mostrando as obras dos seus artistas na galeria de exposições temporárias da Casa-Museu Medeiros e Almeida.

Situada no centro de Lisboa, junto à Avenida da Liberdade, esta instituição possui um espólio incrível de objectos artísticos que estão em exposição permanente, integrados numa casa que é em si também uma magnífica obra de arquitetura e artes decorativas. No piso térreo, além de um restaurante e cafetaria, existe o espaço dedicado às exposições temporárias, que acolhe regularmente artistas de grande destaque. Trata-se, portanto, de uma parceria que em muito prestigia o nosso trabalho.

Na expectativa deste encontro, a nossa ambição foi juntar um conjunto de trabalhos que celebrassem a expressão individual de cada um dos nossos artistas, a multiplicidade de técnicas artísticas desenvolvidas nos diferentes ateliers da AFID e que fosse capaz de maravilhar o público exigente que frequenta aquele espaço.

"Vislumbre Deslumbre" - ação e reação - a que convidamos os espetadores das nossas obras - foi o mote escolhido para intitular a exposição que, a avaliar pelos vários testemunhos partilhados, não será facilmente esquecida por quem teve a oportunidade de a visitar.

Num primeiro núcleo, além de dois trabalhos coletivos de cerâmica e de tecelagem, estiveram patentes as primeiras provas de gravura sobre o papel produzido na mais recente oficina da AFID - o atelier do Papel. A Pintura constituiu o corpo principal da exposição, com dois trabalhos colectivos e mais de 50 trabalhos individuais que nos permitiram, não só focar espaçadamente em cada autor, como, ainda, criar diálogos improváveis entre obras distintas. Diálogos que nos fazem entender como o que cada um faz individualmente pode ir ao encontro do universo de outros colegas. Existe um contágio risonho entre estes artistas, que partilham diariamente o mesmo espaço e aqui podemos constatar mais uma vez que as amizades construídas na AFID, e o sentimento de uma identidade comum, são também outra razão importante para celebrar em momentos como este. A inauguração da exposição foi festejada com uma coreografia inédita e arrebatadora do grupo AFIDANCE.

O convite gentilmente oferecido pela Casa-Museu Medeiros e Almeida foi estendido e podemos, assim, orgulhar-nos de fechar este artigo com a notícia de que estão em andamento os preparativos para uma nova exposição neste espaço durante o ano de 2018. Até lá, são muitos os desafios que nos permitirão superar as expectativas criadas por uma mostra tão rica, contamos para isso com o empenho e entusiasmo inesgotáveis dos artistas e de toda a equipa da AFID.



Nuno Lacerda
Responsável pelo Atelier de Pintura do Centro de Atividades Ocupacionais (CAO)



A ARTE SALVA. ARTE CURA

A utilização de qualquer atividade artística na educação especial tem mostrado que pode alterar o equilíbrio interno das pessoas com deficiência, facilitando as capacidades de relacionamento, de expressão e de adequação à sociedade, de desafio aos seus bloqueios, isto é, pode ser transformadora.

Mas se não salva ou não cura, certeza há, que ela liberta. A arte carrega consigo a capacidade de aferir o autoconhecimento e a transformação das pessoas.

Considerando este poder regenerativo da Arte, diria quase que se poderia enquadrar mais na esfera da Saúde do que da Cultura.

A deficiência pode ser uma interrogação, um objeto de investigação em muitas áreas do conhecimento, mas quando se utiliza a arte como forma de comunicação e expressão pode se considerar uma forma inclusiva da pessoa portadora de deficiência.

No que respeita às artes plásticas, as pessoas podem estar enclausuradas no seu corpo por doença, mas são livres na sensibilidade e imaginação. Até mesmo os que estão enclausurados nas prisões, a incorporação da arte no campo da arte cénica, permite desenvolverem processos de autoconhecimento, ajudando-os a lidar com os conflitos dentro e fora da "prisão".

Posso concluir, que a arte é inclusiva, porque não tem limites. Felizmente a sociedade civil pode contar com o importantíssimo projeto da AFID, uma instituição com um relevante papel na integração das pessoas com deficiência.



Teresa Vilaça
Diretora da Casa Museu Medeiros e Almeida

> "A arte é inclusiva, porque não tem limites. Felizmente a sociedade civil pode contar com o importantíssimo projeto da AFID.



PORMENOR DO QUADRO "AS CEIFEIRAS"
» Margarida Baptista

A TRANSFORMAÇÃO DO PAPEL



> “Uma oficina é, por excelência, um espaço onde tudo se reconstrói.









ATELIER DO PAPEL
» A responsável pelo Atelier, Andreia Brito, ao lado do cliente do CAO Luís Ferreira

O Atelier do Papel é o mais recente espaço criado no grupo Artístico-Oficinal, integrado no Centro de Atividades Ocupacionais (CAO) da Fundação AFID Diferença.

É um espaço simples ao nível dos processos, mas não deixa de ser tão ou mais importante que as outras oficinas. A Arte de transformar o papel, passa por vários processos, dos quais os clientes da Fundação vão adquirindo boas práticas ambientais e responsabilidade ecológica. É através das atividades e rotinas que lhe são propostas, entre a separação do papel, à demolha do mesmo, a trituração, a realização de pasta e a feitura de uma nova folha, que acontece um processo de promoção para a aquisição de novas formas de Ser e Estar.

A identificação, a prevenção e manutenção de práticas ambientais, estão instituídas na nossa/vossa Fundação AFID Diferença. Os desafios diários da oficina promovem e validam, passo a passo, a construção de uma nova mentalidade, absolutamente necessária para a recuperação da saúde do nosso planeta.

A equipa do Atelier do Papel é composta por 15 clientes e é um espaço interativo, onde se aprendem diversas coisas, desde a feitura do papel, dobragens simples, origamis e, em simultâneo, aprende-se a gerir e a controlar as emoções. São através destas práticas diárias que os clientes, por um lado ganham competências técnicas e, por outro, reforçam as capacidades pessoais que fazem parte da sua essência.

Devagar, a oficina vai-se integrando no ritmo do grupo artístico-oficinal a que pertence, através das parcerias inter-oficinais ou trabalhos coletivos e individuais, respondendo às diversas solicitações internas e externas que chegam à Fundação, e que tanto contribuem para o reconhecimento das enormes potencialidades que o grupo possui.



Andreia Brito
Responsável pelo Atelier do Papel do Centro de Atividades Ocupacionais da Fundação AFID Diferença

A loucura no improviso

ARTE FORA DA CAIXA



Tendo a música como tema, convidámos clientes, pais e amigos a estarem presentes na primeira edição do Ciclo de Conferências Arte Fora da Caixa – A loucura no improviso - que se realizou no passado dia 20 de maio de 2017.

A ideia, proposta pelo professor João Silva, permitiu juntar duas realidades que, embora parecessem antagónicas, poderiam estar intrinsecamente ligadas: o Jazz e a Musicoterapia. Além disso, era pertinente e irrefutável que a população alvo da Fundação AFID fosse o nosso foco principal. E, na verdade, assim o conseguimos!

Se a deficiência é vista, muitas vezes por terceiros, com um cariz depreciativo, que temática mais oportuna poderíamos escolher do que esta? Será que todos nós somos loucos? Ou serão só aqueles que têm patologia? Na verdade, podemos confirmar que todos nós temos incapacidades e que a loucura, até determinado ponto, é saudável e indispensável.

O elenco escolhido para este evento era determinante para o sucesso do mesmo. Convidámos o Prof. Doutor Ricardo Pinheiro e o Prof. Doutor Massimo Cavalli, ambos da Universidade Lusíada de Lisboa, para explanar sobre a importância da música para pessoas com ou sem patologia e de qualquer faixa etária. Para complementar este cenário, convidámos, ainda, a Dr.ª Joana Bolito, musicoterapeuta e fundadora do projecto Clave de Ti, para nos explicar a intervenção da música em contexto terapêutico para pessoas com deficiência.





CICLO DE CONFERÊNCIAS ARTE FORA DA CAIXA
» Loucura no improviso - decorreu no Auditório Dr.ª Maria Lutegarda



Se lhe disséssemos que estamos todos loucos, acreditaria? E se essa loucura fosse explicável através da música, acreditaria ou duvidaria? De forma improvisada toda a loucura é indispensável à vida. Não Acredita? Faça connosco esta viagem!

A loucura no improviso é sinónimo de bem-estar.

É sabido que a música permite-nos melhorar a diversos níveis (autodisciplina, paciência, sensibilidade, coordenação, capacidade de memorização e de concentração, etc...), mas será a loucura benéfica? Sim! A loucura faz-nos viver "fora da caixa", fora de formatações. Passamos a ser nós mesmos, a sermos genuínos. E é disso que a música e a musicoterapia vivem: de verdade.

Uma pessoa com deficiência quer ser respeitada por aquilo que é e não pela sua condição física ou intelectual. Que seria da cultura se artistas como James Joyce (que escrevia deitado de barriga para baixo e envergava um casaco branco para que a luz reflectisse sobre o papel e o ajudasse a escrever, já que era quase cego), Victor Hugo (que escreveu nu, durante a sua reclusão auto-imposta, a obra "O Corcunda de Notre Dame"), Marcel Duchamp (que tornou o urinol numa peça de arte), Salvador Dali (com a sua excentricidade e a tratar-se a si próprio na terceira pessoa) e Richard Wagner (que através das reações frequentes do seu cão Pep denominou notas musicais específicas e associou-as a determinadas emoções) tivessem comportamentos ditos normais? Possivelmente não teríamos conhecido nem metade da sua genialidade.

Ficou provado que a loucura no improviso, no imediato, no não planeado é sinónimo de bem-estar. Com a improvisação musical feita no evento pelos oradores convidados (e por nós) verificámos que a Música é um dos estímulos mais poderosos para pessoas portadoras de deficiência. Através do som, da audição de canções, da prática de instrumentos ou do ato de improvisar eles podem experienciar estados de alma diferentes, melhorar a sua condição física, desenvolver-se emocionalmente e sentir, na prática, o que estão a tocar. Eles e nós (os técnicos) podemos tomar consciência dos mundos que existem num só Mundo.

Vimos sorrisos, olhares entusiasmados, balancear de corpos a sentir o tempo forte de cada tema. Através da oferta de uma lembrança de papel produzida pelo Atelier do Papel da Fundação AFID, fizemos com que cada um dos participantes tivesse a loucura necessária para "abrir a sua caixa".

Juntos, fizemos uma bonita viagem!

Obrigado!



João Silva
Músico e mentor do projeto AFID RITMO



Margarida Arcanjo
Cantora e Musicoterapeuta na Fundação AFID Diferença



A INCLUSÃO PELA ARTE

A Arte instrui-nos na perfeição e a inclusão sublima-nos na Excelência!

A arte é um conceito que, num determinado nível, sublima a invulgaridade de uma personalidade, gerando reconhecimento!

A inclusão é uma atitude que na prática da sua excelência, reconhece e derruba as barreiras dos pré-conceitos inerentes à individualidade, devolvendo-lhe todo o potencial.

Não existe, por isso, expressão de arte mais sublime que a própria inclusão.

A inclusão é, na verdade, uma parceria feliz de muitos contextos da vida de pessoas que se agrupam nos mais variados aspetos da sociedade. Todos ganhamos quando somos aceites e reconhecidos, porque todos possuímos, de facto, grandes talentos que se multiplicam quando partilhados. E a inclusão só acontece realmente quando revelamos e reconhecemos no outro, o valor do seu potencial.

A arte não subsiste se não for incluída e a inclusão não se sustenta sem arte na sua implementação. Ambas são sinónimas de realização, reconhecimento e satisfação pessoal. E é uma área fundamental na construção de uma inclusão eficiente. A arte é terapêutica, modeladora e reveladora de sentimentos e saberes.

O Atelier de Cerâmica concede-nos o privilégio de uma ambiência criativa, não só pelos objetivos que a própria oficina cultiva, mas sobretudo pelos sentimentos abaláveis e diferentes que todos os dias se manifestam, neste espaço de envolvências tão práticas como emocionais. Quem convive com tantas singularidades, sabe que a criatividade é importante na construção do quotidiano.

Uma oficina plena de inspiração nas pessoas e nas suas ações que pela qual se excedem expectativas a caminho de uma inclusão feliz.

Somos uma oficina inclusiva? Claro que somos. Incluímo-nos com arte em todos os momentos de construção, observamos em conjunto todas as necessidades, todas as vontades, todas as ousadias. Porque somos um grupo onde todas as diferenças contam, todos os timings se ajustam, todas as emoções se consolidam, a todas as horas em todos os dias!

Nem todos somos artistas, de facto não somos, mas todos podemos conduzir com arte as ações e atitudes que determinam o sucesso dos nossos objetivos e aspirações. É sempre com arte que se criam as formas e os reconhecimentos que compõem uma inclusão que se quer constante nos nossos quotidianos, aqui e ali, dentro da oficina e fora dela.

> A arte é terapêutica, modeladora e reveladora de sentimentos e saberes.



Cristina Santos
Responsável pelo Atelier de Cerâmica do Centro Atividades Ocupacionais da Fundação AFID Diferença

Leia o artigo na íntegra em

OS SERVIÇOS E A GESTÃO DA QUALIDADE DA AFID

A Fundação AFID promoveu este ano o alargamento da cerificação da norma ISO 9001 a todos os serviços e equipamentos onde presta serviços e procedeu à transição da Norma ISO 9001:2008 para a ISO 9001:2015. Juntamente com esta certificação, a AFID mantém, também, o nível de excelência do referencial EQUASS e a certificação de Nível A, dos manuais de avaliação da qualidade do ISS (Instituto de Segurança Social) para as respostas sociais de CAO (Centro de Atividades Ocupacionais), SAD (serviço de Apoio Domiciliário) e Lar Residencial.

A aposta da certificação da Qualidade insere-se no esforço de capacitação da equipa de colaboradores, na otimização dos serviços e melhoria contínua das técnicas de intervenção. O caminho já percorrido tem dado frutos na sistematização dos processos de trabalho, no aumento da capacidade de medir e avaliar os resultados alcançados.

A complexidade dos problemas sociais, o crescimento e complexificação dos serviços prestados, a competitividade emergente entre as Instituições particulares de solidariedade social (IPSS) e o setor lucrativo, têm potenciado o surgimento das preocupações com a sustentabilidade e a melhoria dos processos de trabalho.

A AFID FOI PRECURSORA NESTE PROCESSO

A AFID foi precursora neste processo e continua hoje comprometida com o seu desenvolvimento. A implementação dos sistemas da qualidade ajudam à promoção e desenvolvimento de uma gestão profissionalizada das instituições e são, ainda, um instrumento de apoio à garantia da sua sustentabilidade.

Os sistemas de gestão da qualidade preconizam o aumento da eficácia e eficiência dos métodos de trabalho e trazem, necessariamente, consigo o processo de sistematização das práticas de gestão organizacional.

Da minha experiência pessoal de implementação de sistemas de gestão da qualidade em organizações sociais verifico que, caso não tenham ainda surgido as preocupações com a melhoria dos métodos de trabalho e dos resultados obtidos, esta situação coloca-se de forma determinante ao longo do processo de certificação.

A AFID encontrou nos sistemas e na certificação da Qualidade um caminho para garantir e promover o envolvimento dos seus colaboradores e o seu desenvolvimento constante. Contudo, queremos ir anda mais longe e estamos neste momento a promover a avaliação dos impactos dos nossos serviços. Pretendemos medir e comunicar os frutos da nossa ação.

A avaliação do impacto da nossa intervenção será lida cada vez mais com base na transformação operada na pessoa de cada um dos nossos clientes e das suas famílias. Desde há vários anos que monitorizamos e medimos a nossa intervenção para tomarmos decisões informadas. No entanto, queremos ir mais além e construir sistemas, estratégias e metodologias que mais do que a medição das atividades que fazemos, sejam capazes de avaliar as transformações de bem-estar e qualidade de vida que promovemos nas pessoas que atendemos e em todos os que tocam ou são tocados pela nossa intervenção.



Juvenal Baltazar
Diretor da Ação Social da Fundação AFID Diferença

SELO DA DIVERSIDADE

um reconhecimento que muito nos honra



A Fundação AFID Diferença venceu a 1.ª Edição do Selo da Diversidade, na categoria 5, instituído pela Carta Portuguesa para a Diversidade, prémio este que nasceu de uma iniciativa da União Europeia aos países membros, que levou a nossa Instituição a subscrever a Carta Portuguesa para a Diversidade e a participar no Selo da Diversidade 2017.

A Carta Portuguesa para a Diversidade pretende encorajar as entidades empregadoras e demais organizações a implementar e desenvolver políticas e práticas de promoção da Diversidade e da Igualdade de Oportunidades no trabalho.

A Fundação AFID Diferença foi a organização que apresentou mais candidaturas ao Selo (5), tendo vencido na Categoria 5 – Comunicação da Carta e dos seus Princípios com o projeto DIVERSID´ARTE.

A obtenção deste prémio demonstra que a Comunicação dos princípios da Diversidade é um tema de todos/as e para todos/as, ao mesmo tempo que realça uma das áreas mais importantes da nossa casa, as Artes Plásticas.

De salientar que concorremos com empresas do setor privado como a EDP (uma das melhores empresas do Mundo), que obteve o selo da Diversidade na 4.ª Categoria e duas Menções Honrosas nas 3.ªe 6.ª Categorias, a Ericsson (multinacional) que obteve um selo da Diversidade na 1.ª Categoria e uma Menção Honrosa na 6.ª Categoria, o BNP Paribas (multinacional), que obteve o selo da Diversidade na 2.ª Categoria, a Câmara Municipal de Lisboa, que obteve o selo da Diversidade na 6.ª Categoria e a L'Oréal (multinacional), que obteve uma Menção Honrosa na 6.ª Categoria.

Durante a Gala que decorreu no auditório da Universidade Atlântica, na Fábrica da Pólvora, em Oeiras, foi anunciado que são já 193 os signatários da Carta Portuguesa para a Diversidade, dos quais 44% são empresas, 35 % são organizações sem fins lucrativos, 15 % são organizações públicas e 4% instituições de ensino e associações empresariais.

As maiorias destas organizações estão localizadas na zona de Lisboa e 22 % na zona do Porto.

O trabalho desenvolvido pela Fundação AFID Diferença para a apresentação das cinco candidaturas ao Selo da Diversidade foi realizado pela equipa técnica da AFID, que aceitou este grande desafio que lhes foi proposto para a concretização desta iniciativa que traduz a nossa prática diária: A Diversidade na nossa Intervenção.

Obrigado.



Domingos Rosa
Presidente do Conselho de Admnistração da Fundação AFID Diferença

FINANCE FOR SOCIAL IMPACT

AVALIAÇÃO DE IMPACTO SOCIAL - SROI

A AFID tem, ao longo dos últimos anos, apostado na capacitação da sua equipa e na garantia da qualidade da sua intervenção.

A Fundação AFID está a participar no projeto Finance for Social Impact financiado pela Fundação Montepio e que tem como objetivo capacitar as organizações na avaliação do impacto das suas intervenções. O programa é desenvolvido pela consultora 4Change e consubstancia-se na criação de uma comunidade de Impacto social com dez organizações que foram escolhidas após um conjunto de quatro webinares.

Ao longo das reuniões, as diferentes organizações foram apresentando trabalhos para serem avaliados por parte da equipa da 4change. A avaliação dos trabalhos e a participação nos webinares eram pontuadas e foram selecionadas as dez organizações com pontuação mais elevada. A Fundação AFID Diferença obteve a pontuação mais elevada na fase de seleção e passou, dessa forma, à segunda fase do programa, que decorreu entre setembro e dezembro de 2017.

Na segunda fase, o desafio passa pela capacitação intensiva de um grupo de colaboradores em avaliação de impacto social com a ferramenta SROI (Social Return on Investiment). Pretende-se apurar um rácio entre os valores investidos e a valorização dos resultados alcançados pelos clientes da intervenção social. A AFID escolheu desenvolver, nesta fase, a avaliação do impacto social do Lar Residencial. Foi construída uma equipa de projeto e delineada uma estratégia com o apoio da 4change.

Foram identificados os clientes e as famílias como principais stakeholders do Lar Residencial. Para cada um destes grupos, foi construída uma teoria da mudança que visa, sobretudo, focar a atenção e avaliação nas mudanças atingidas com a prestação dos serviços. A partir da teoria da mudança foram identificados indicadores de medição e avaliação das distâncias percorridas para cada uma das mudanças seleccionadas, como as mais importantes para cada um dos stekholders envolvidos.

No contexto atual, é de extrema importância a avaliação do impacto da intervenção realizada. As organizações sociais têm, cada vez mais, de dar provas da importância das suas realizações e demonstrarem as transformações que operam na vida das pessoas por elas atendidas e servidas. A avaliação dos impactos da intervenção desafia cada organização social a demonstrar o valor acrescentado e não apenas a materialização das atividades realizadas. Não basta dizer e quantificar o que fazemos, é fundamental demonstrar os resultados que trouxemos à vida de quantos são por nós atendidos.

A AFID tem, ao longo dos últimos anos, apostado na capacitação da sua equipa e na garantia da qualidade da sua intervenção. A avaliação do impacto da nossa intervenção é mais um passo na melhoria da definição da estratégia, na implementação e operacionalização dos nossos serviços em resposta às necessidades, interesses e potencialidades dos nossos clientes.

Após a conclusão deste projeto, a equipa que o está a desenvolver irá partilhar as conclusões com os restantes colaboradores da Fundação AFID Diferença. Está prevista a continuidade deste programa, pela avaliação do impacto nas restantes respostas sociais e projetos desenvolvidos.



Juvenal Baltazar
Diretor da Ação Social da Fundação AFID Diferença

EVENTOS





AUDITÓRIO DRª. MARIA LUTEGARDA - AFID
Cinco Lágrimas por Alepo







COVILHÃ
3ºs. JogosPortugal Special Olympics







MENÇÃO HONROSA
Prémio BPI Seniores







PROJETO
Assim se vê o SLB









CASA MUSEU MEDEIROS E ALMEIDA
Exposição Vislumbre Deslumbre











OFICINA DE CULTURA - ALMADA
24ª Edição do Concurso Arte e Criatividade

afid KIDS

INSCRIÇÕES ABERTAS

CRECHE



fundacao@fund-afid.org.pt
Tel. 21 472 40 40
www.fund-afid.org.pt

Creche CRZ | Creche Venteira | Creche Geração